

# **Caderno de Letras**

**n. 9**

**REVISTA DO CURSO DE LETRAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**

**JOÃO SIMÕES  
LOPES NETO**



**REVISTA DO CURSO DE LETRAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**

---

Volume 1, Número 9, 2003

**COMISSÃO EDITORIAL**

Isabella Mozzillo

Paulo Ricardo Silveira Borges

**CONSELHO EDITORIAL**

Aulus Mandagará Martins (UFPEL)

Carmem Lúcia Barreto Matzenauer (UCPEL)

Elena Cristina Palmero González (FURG)

Isabella Mozzillo (UFPEL)

Maria do Carmo Alves de Campos (UFRGS)

Vilson José Leffa (UCPEL)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**

Reitora - Ingelore Scheunemann de Souza

**INSTITUTO DE LETRAS E ARTES**

Diretora - Anaizi Cruz Espírito Santo

**CAPA** - Livro Aberto, de Paul Klee, 1930

**IMPRESSÃO** – Editora da UFPEl

ISSN 0102-9576

# Caderno de Letras

n. 9

**REVISTA DO CURSO DE LETRAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**

JOÃO SIMÕES  
LOPES NETO

Cad. Letras	Pelotas	v.1	n.9	p.1-129	2003
-------------	---------	-----	-----	---------	------

A revista *Caderno de Letras* aceita artigos inéditos relativos às diversas áreas de Letras, em várias línguas. Os autores podem submeter textos que serão selecionados pelo Conselho Editorial, não sendo devolvidos os que não forem publicados.

CADERNO DE LETRAS  
Universidade Federal de Pelotas / UFPel  
Instituto de Letras e Artes  
Departamento de Letras – n. 1 1982-

1. Revista de Letras – Periódicos  
ISSN 0102-9576

Continuação de Caderno de Letras: Revista do Curso  
de Letras da Universidade Federal de Pelotas.

CDD 405

Pede-se permuta  
Pídese canje  
Si richiede lo scambio  
On demande échange  
We ask for exchange  
Wir bitten um Austausch

CADERNO DE LETRAS  
Revista do Curso de Letras  
Instituto de Letras e Artes  
Universidade Federal de Pelotas  
Av. Bento Gonçalves, 3395  
CEP 96015-140 Pelotas, RS

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	8
PRESENTE E PASSADO NOS <i>CONTOS GAUCHESCOS</i> Regina Zilberman .....	19
A LITERATURA GAÚCHA E O ESCONJURO DA MORTE Luiz Antonio de Assis Brasil.....	42
MEU QUERIDO DIGNO VELHO BLAU! Aldyr Garcia Schlee.....	46
JOÃO SIMÕES LOPES NETO E JAVIER DE VIANA: DOIS ESCRITORES FRONTEIRIÇOS E UM DIÁLOGO HIPOTÉTICO Ligia Chiappini.....	55
NO PRINCÍPIO FEZ-SE A OBRA: O DESCOMEÇO DE <i>CONTOS GAUCHESCOS</i> Flávia Brocchetto Ramos e João Claudio Arendt.	88
CARLOS REVERBEL E AS DEZ OBRAS FUNDAMENTAIS DA BIBLIOGRAFIA SUL- RIO-GRANDENSE João Claudio Arendt.....	106

## APRESENTAÇÃO

### ***Contos gauchescos: noventa anos de história***

Há oitenta e seis anos, no dia 14 de junho de 1916, falecia, em Pelotas, João Simões Lopes Neto. Pobre e sem glória, apenas postumamente o escritor seria reconhecido como um dos maiores regionalistas brasileiros e precursor do modernismo no campo da prosa narrativa. Elogiado nos necrológios como exímio dramaturgo e autor de um tratado de piscicultura, o tempo se encarregaria de colocá-lo no seu merecido lugar. O “Bruxo Velho”, na expressão de Guilhermino Cesar, não é hoje conhecido como dramaturgo, ensaísta ou poeta, mas como o autor de *Contos gauchescos*, obra que, em 2002, completou noventa anos de existência.

Vinda a lume em 1912, pela Livraria Universal, de Pelotas, a primeira edição de *Contos gauchescos*<sup>1</sup> é composta por uma página de apresentação e dezoito contos<sup>2</sup> narrados pela

---

1 LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos - Folk-lore regional (sic)*. Pelotas: Echenique, 1912. 215p.

2 Os seguintes contos compõem o volume: “Trezentas onças”, “O negro Bonifácio”, “No manantial”, “O mate do João Cardoso”, “Deve um queijo!”, “O boi velho”, “Correr eguada”, “Chasque do Imperador”, “Os cabelos da china”, “Melancia - Coco verde”, “O anjo da vitória”, “Contrabandista”, “Jogo do osso”, “Duelo de farrapos”, “Penar de velhos”, “Juca Guerra”, “Artigos de fé” e “Batendo orelha”.

personagem Blau Nunes. O seu formato de bolso foi descrito, nos anos quarenta, da seguinte forma, por Augusto Meyer: “Dois grampos enormes, cheios de ferrugem. O frontispício, uma obra-prima de mau gosto. O título composto num arremedo de gótico. E um tímido subtítulo: *Folk-lore rejional*.”

Em 1926, dez anos depois da morte do escritor, o livro é editado, junto com *Lendas do Sul*, pela Editora Globo, de Porto Alegre, a qual, nessa época, implantava suas atividades propriamente editoriais. Vinte e três anos mais tarde, em 1949<sup>3</sup>, inaugurando a Coleção Província, a mesma casa editorial republica os *Contos gauchescos* e *Lendas do Sul*, numa edição crítica de luxo, com introdução, variantes, notas e glossário de mil palavras, elaborados por Aurélio Buarque de Hollanda. O prefácio, de Augusto Meyer, reproduz, integralmente, o primeiro capítulo do seu livro *Prosa dos pagos*, de 1943. O posfácio, a cargo de Carlos Reverbel, intitula-se "Esboço biográfico em tempo de reportagem", no qual seu autor começa a traçar a biografia definitiva de Simões Lopes. Uma particularidade dessa edição é a inclusão do conto “O menininho do presépio”, ausente nas anteriores.

Lançada em fins de agosto de 1949, pouco meses depois, os exemplares dessa edição já haviam se esgotado. As reimpressões posteriores

---

3 LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e lendas do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1949. 414p. (Coleção Província, 1).

acontecem em 1950, 1951, 1953, 1957 e 1961. No ano de 1965, em vista da comemoração dos cem anos do nascimento do escritor, a Globo insere o mesmo texto de *Contos gauchescos* e *Lendas do Sul*, fixado em 1949, na Coleção Catavento, em formato de bolso. Em 1973, os dois títulos, incluindo o glossário elaborado por Aurélio Buarque de Hollanda, são co-editados pelo Instituto Nacional do Livro.

Em 1974, ainda pela Globo, o livro *Lendas do Sul*<sup>4</sup> passa a circular numa edição crítica e de luxo, especialmente preparada para a APLUB, contendo ilustrações de Nelson Boeira Faedrich, introdução de Mozart Pereira Soares, duas crônicas de Manoelito de Ornellas e glossário de Aurélio Buarque de Hollanda. Desse volume são excluídas as lendas do Centro e do Norte do Brasil, e veiculadas apenas as Missioneiras e as três principais: “M’Boitatá”, “Salamanca do Jarau” e “Negrinho do pastoreio”. A outra edição de *Lendas do Sul*<sup>5</sup>, da Globo, sai em 1976 e inclui nota introdutória de Augusto Meyer, além de um glossário abreviado de Aurélio Buarque de Hollanda.

---

4 LOPES NETO, João Simões. *Lendas do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1974. 173p. il. Edição comemorativa do 10º aniversário da APLUB, em formato 31x20cm, com ilustrações de Nelson Boeira Faedrich.

5 LOPES NETO, João Simões. *Lendas do Sul*. 9.ed. Porto Alegre: Globo, 1976. 183p. (Coleção Província).



Enquanto a Globo, de Porto Alegre, colhe os frutos da sua luxuosa edição, a Agir Editora<sup>6</sup>, do Rio de Janeiro, em 1957, por iniciativa dos críticos Alceu Amoroso Lima e Roberto Alvim Correa, inclui *Contos gauchescos* e *Lendas do Sul* na série Nossos Clássicos. Dos dezoito contos escritos por Simões Lopes, essa publicação traz apenas sete: “Trezentas onças”, “No manancial”, “O boi velho”, “Correr eguada”, “Contrabandista”, “O anjo da vitória” e “Melancia - coco verde”. Das lendas, figuram somente “A M’Boitatá”, “O negrinho do pastoreio” e um fragmento de “A salamanca do jarau”. No estudo introdutório do livro em questão, o crítico gaúcho Moysés Vellinho considera as edições da Globo, de 1926 e 1949, fundamentais para que a obra de Simões Lopes ultrapassasse as fronteiras de Pelotas e do Rio Grande do Sul:

em 1926 apareceu nova edição, já agora reunindo os contos e lendas (sic) num só tomo, e a fama de Simões Lopes, antes tão medrosa, começou a encorpar e ganhar espaço. À medida que se adensava no Rio Grande do Sul, ia aos poucos se multiplicando além das fronteiras da Província e grelando aqui e ali em diversos pontos do país. (...) Mas não

---

6 LOPES NETO, João Simões. Contos e lendas. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1957. 130p. (Nossos Clássicos, 5). Reeditado em 1960.

menos certo é que sua considerável projeção fora do Rio Grande veio da edição crítica da Livraria do Globo, que continua a esgotar-se em fornadas sucessivas<sup>7</sup>.

No ano de 1988, *Contos gauchescos*, junto com *Lendas do Sul* e *Casos do Romualdo*, recebe uma nova edição crítica, organizada pela pesquisadora Ligia Chiappini e publicada pelas editoras Presença, do Rio de Janeiro, e Instituto Nacional do Livro, de Brasília. Cotejado com as edições anteriores (1912, 1913, 1926 e 1949), o livro contesta a fixação dos textos feita pela Editora Globo, em 1926 e 1949. Além de reproduzir integralmente os contos e as lendas, a publicação traz, ainda, contos avulsos (“O ‘Menininho’ do Presépio”, “Sinhá Jana” e “Olhos de remorso”), variantes e comentários (notas sobre *Contos gauchescos*, *Lendas do Sul* e o conto “O ‘Menininho’ do Presépio”), apêndices (carta de Simões Lopes a Alcides Maya, artigos de Antônio de Mariz, João Pinto da Silva, Augusto Meyer e Darcy Azambuja), e uma bibliografia composta por oitenta e oito títulos sobre o escritor.

Em 1992, a Martins Livreiro, de Porto Alegre, publica *Contos gauchescos*<sup>8</sup>, trazendo um

---

7 LOPES NETO, João Simões. Op. cit., 1957, p.8.

8 LOPES NETO, João Simões. Contos gauchescos. Porto Alegre: Martins Livreiro: 1992. 176p.

glossário de mil palavras e o prefácio “Simões Lopes Neto e seus editores”, escrito por Carlos Reverbel, que apresenta uma listagem comentada das diversas edições do livros do contista pelotense, desde 1910 até 1992.

Em 1993, a editora Imago, do Rio de Janeiro, relança *Contos gauchescos*<sup>9</sup>, com fragmentos críticos de Augusto Meyer e Aurélio Buarque de Hollanda. Além disso, com ortografia modernizada e texto estabelecido a partir das duas primeiras edições, de 1913 e 1926, o volume inclui, no final, um glossário de trezentas e cinquenta palavras que, segundo a articulista da *Folha de São Paulo*, Marilene Felinto, a propósito do lançamento do livro, serve ao leitor “para ajudar na decifração de coisas”.

A edição sem data de *Contos gauchescos*<sup>10</sup> da Ediouro, também do Rio de Janeiro, traz uma apresentação de Flávio Loureiro Chaves, intitulada *A viagem de Blau Nunes*, além de uma cronologia com os dados mais importantes da biografia do escritor, desde o nascimento até a década de 1950. Das lendas, aparecem apenas a “Salamanca do Jarau”, “O Negrinho do pastoreio” e “M’Boitatá”. As demais, compostas pelo “Argumento de outras

---

9 LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. 155p. (Col. Lázuli).

10 LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e lendas do Sul*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. 148p. (Coleção Prestígio).

lendas missioneiras e do Centro e Norte do Brasil”, foram suprimidas.

Na impressão da Ática, de São Paulo, em 1998<sup>11</sup>, *Contos gauchescos* tem um prefácio do escritor Moacyr Scliar, intitulado “Simões Lopes Neto, escritor universal”, e um posfácio de Antônio Carlos Olivieri, sob o título “A voz do gaúcho em letras de imprensa”. Cotejada com a edição crítica preparada por Aurélio Buarque de Hollanda, observa-se que ela não inclui o conto "Menininho do Presépio", mas traz um suplemento de leitura, um resumo biográfico e uma relação das obras do autor.

Em 1998, surgem mais duas edições de *Contos gauchescos* e *Lendas do Sul*. A primeira, pela editora porto-alegrense L&PM<sup>12</sup>, da coleção Pocket, em formato de bolso, apresenta um prefácio de Everson Pereira da Silva e recupera integralmente os textos que compõem as duas obras. A outra edição, da Artes e Ofícios, também de Porto Alegre, reproduz apenas *Contos gauchescos*<sup>13</sup>, com introdução e mil e cinquenta notas de vocabulário no pé da página, elaboradas pelo professor Luis Augusto Fischer. Segundo os

---

11 LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Ática, 1998. 128p. (Série Bom Livro).

12 LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e lendas do sul*. Porto Alegre: L&PM, 1998. 240p. (L&PM Pocket, 102).

13 LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998. 194p.

editores, a obra é destinada ao leitor contemporâneo.

Em 1999, o livro *Contos gauchescos*<sup>14</sup>, da Martins Livreiro, recebe uma “nova edição”, desta vez em formato de bolso, mantendo, em conformidade com a publicação de 1992, o prefácio de Carlos Reverbel e o glossário de mil palavras extraído do *Dicionário de regionalismo do Rio Grande do Sul*, dos irmãos Zeno e Rui Cardoso Nunes.

A edição crítica do livro *Contos gauchescos*<sup>15</sup>, com introdução, comentários, notas, vocabulário e estabelecimento do texto pelo escritor Aldyr Garcia Schlee, lançada pela editora Novo Século, em 2000, traz um esboço cronológico da vida e da obra do autor, além de referências bibliográficas. Nessas referências, são citadas as diversas edições de *Contos gauchescos* e dezenove títulos publicados pelos principais críticos da obra simoniana. Uma singularidade desse volume é o caráter paradidático, pois todos os contos são antecedidos por um resumo e um breve comentário crítico sobre a linguagem, os recursos narrativos e os temas abordados pelo autor.

---

14 LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999. 184p.

15 LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Novo Século, 2000. 188p.

Entre as traduções de *Contos gauchescos*, destaca-se, em 1956, o título *Storie di gauchos*<sup>16</sup>, publicado pela Fratelli Bocca, da Itália. Entre os esparsos, merecem menção as seguintes edições: em 1996, pela editora Mercado Aberto, o livro *O negro Bonifácio & outras histórias*<sup>17</sup>; em 1998, a edição de *Os melhores contos de Simões Lopes Neto*<sup>18</sup>, pela Global Editora, de São Paulo; no ano 2000, o volume *Contos gauchescos*, comentado pelo escritor Aldyr Garcia Schlee<sup>19</sup>

O registro cronológico das edições permite verificar, enfim, a evolução editorial de Simões Lopes Neto. No começo, a obra do ficcionista esteve restrita ao círculo editorial de Pelotas e, muito lentamente, foi rompendo as fronteiras municipais e nacionais. O intervalo de treze anos, que separa a primeira publicação de *Contos gauchescos* da edição de 1926, e os vinte e nove anos entre essa última e a de 1949, é bastante significativo, pois demonstra o desinteresse crítico-

---

16 LOPES NETO, João Simões. *Storie di gauchos*. (Tradução de Giuseppe Tavani). Milano-Roma: Fratelli Bocca Editori, 1956.

17 LOPES NETO, João Simões. *O negro Bonifácio & outras histórias*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. 64p. (Série Pequenas Grandes Obras).

18 LOPES NETO, João Simões. *Os melhores contos de Simões Lopes Neto*. São Paulo: Global, 1998. 137p. (Os Melhores Contos, 23).

19 LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Novo Século, 2000. 72p.

editorial da ficção de Simões Lopes. Todavia, as várias edições posteriores, pela Globo, são complementadas pelo surto editorial iniciado nos anos oitenta, que atinge o seu auge na década de noventa. A partir de então, toda a obra do escritor pelotense, inclusive a não-ficcional, é reeditada. Isso não só contribui para a sua renovação, mas também comprova a sua vitalidade e atualidade.

Por último, o levantamento das características editoriais das várias publicações de *Contos gauchescos* permite concluir que essa obra, junto com *Lendas do Sul*, por receber maior destaque tipográfico e crítico, é indiscutivelmente superior às demais e merece, portanto, ser festejada no seu nonagésimo aniversário.

\*\*\*

Com este número, o Caderno de Letras procura homenagear os noventa anos da primeira edição de *Contos Gauchescos*, de João Simões Lopes Neto. O vigor dessa obra pode ser comprovado pelas várias reedições e pelo grande número de trabalhos acadêmicos por ela suscitado.

Na seqüência, o leitor encontrará textos de Regina Zilberman, Luiz Antonio de Assis Brasil, Aldyr Garcia Schlee, Ligia Chiappini, Flávia Brochetto Ramos e João Claudio Arendt.

Agradecemos, em suma, a todos aqueles que participaram desta iniciativa, dando sua contribuição com o envio de artigos.

João Claudio Arendt - UCS  
Organizador



## PRESENTE E PASSADO NOS CONTOS GAUCHESCOS<sup>20</sup>

Regina Zilberman  
PUCRS

*Não há nada, como antigamente, tomar mate e  
correr eguada...*  
Blau Nunes

I – Os *Contos gauchescos*, coletânea de narrativas publicada em 1912, desenha um universo homogêneo que responde pelo modo como João Simões Lopes Neto concebe o povo sulino, entendido enquanto um mundo até certo ponto auto-suficiente, que se particulariza no conjunto da sociedade brasileira. Nesse sentido, esse mundo corresponderia a uma civilização singular, com costumes e comportamentos próprios; contaria igualmente com uma explicação independente para as atitudes e para os acontecimentos, dado o fato de

---

<sup>20</sup> Esse ensaio foi publicado originalmente em no *Caderno de Sábado* nº 180, do *Correio do Povo*, de Porto Alegre, em 12 de junho de 1972. Foi republicado em BORDINI, Maria da Glória; FILIPOUSKI, Ana Mariza; NUNES, Luiz Arthur; ZILBERMAN, Regina. *João Simões Lopes Neto: a invenção, o mito e a mentira*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Movimento, 1973. Procedeu-se tão-somente a alterações na redação do texto original.

contar com uma estrutura sócio-econômica uma tradição histórica específicas.

Essa civilização apresenta uma origem e uma trajetória, configurada e exposta por João Simões Lopes Neto, por meio das narrativas que formam a coletânea de contos. Esses permitem que o leitor tenha acesso àquele mundo, agora distante, porém, porque o escritor dá conta também de sua perda. Em razão dessa, a atualidade, tempo do autor e do leitor, contraria o passado e é matéria de um questionamento que evolui em posicionamento diante da sociedade rio-grandense do presente daqueles dois sujeitos.

II - Os *Contos Gauchescos* se estruturam, desde a sua apresentação, a partir de uma separação: a diferença entre o Blau da juventude, que viveu ou ouviu contar as histórias que narra, e o Blau velho, que reconstitui o primeiro através da memória:

entre o Blau - moço  
militar - e o Blau -  
velho, paisano -, ficou  
estendida uma longa  
estrada semeada de  
recordações - casos,  
dizia -, que de vez em  
quando o vaqueano  
recontava, como

quem estende ao sol,  
para arejar, roupas  
guardadas ao fundo  
de uma arca.<sup>21</sup>

A diferença, dada pelo envelhecimento de Blau, determina a oposição, corporificada pela personagem, entre passado e presente; decorre daí igualmente a valorização específica conferida a cada época. O passado é também o tempo bom, o da vida melhor:

Hoje... onde é que se  
faz disso?  
É verdade que há  
muita coisa boa, isso  
é verdade... mas ainda  
não há nada, como  
antigamente, tomar  
mate e correr  
eguada...  
Xô-mico!... Vancê  
veja... eu choro!...  
Ah! tempo... (*Correr  
eguada*, p.167.)

---

<sup>21</sup> LOPES NETO, João Simões. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1949, p. 124. As demais citações provêm dessa edição, estando indicados o título do conto de onde foram extraídos os excertos e a página onde esses se acham.

Ah! se vancê visse a  
indiada           daquele  
tempo...           cada  
gadelhudo...      Ah!  
bom!... (*Duelo de*  
*Farrapos*, p.219.)

III – Cabe perguntar por que o passado recebe tal carga de positividade, verificando igualmente que características o marcaram. O ponto de partida pode ser a visão, que Blau Nunes tem, da organização sócio-econômica, que se baseava na pecuária. A terra, contudo, não se dividia em propriedades particulares, nem o gado tinha dono. Mais importante ainda: ignorava-se, segundo Blau, a noção de posse:

Estes campos eram  
meio sem dono, era  
uma pampa aberta,  
sem estrada nem  
divisa apenas os  
trilhos do gado  
cruzando-se entre  
aguadas e querências.  
A gadaria, não se  
pode dizer que era  
alçada: quase toda  
orelhana, isto sim.

Mas vivia-se bem,  
carne gorda sobrava,  
e potrada linda isso  
era ao cair do laço.  
(*No manantial*, p.139)  
Tudo era aberto; as  
estâncias pegavam  
umas nas outras sem  
cercas nem tapumes;  
as divisas de cada  
uma estavam escritas  
nos papéis das  
sesmarias; e lá um  
que outro estancieiro  
é que metia marcos de  
pedra nas linhas, e  
isso mesmo quando  
aparecia algum piloto  
que fosse entendido  
do ofício e viesse bem  
apadrinhado.  
Vancê vê que desse  
jeito ninguém sabia  
bem o que era seu, de  
animalada (*Correr  
eguada*, p.163.)

A situação descrita por Blau pode ser confirmada pela história do Rio Grande do Sul:  
“*Não havia mesmo organização regular alguma, e*

*o gado ainda semibravio e vivendo à Lei da Natureza era antes caçado que criado*”, escreve Caio Prado Junior.<sup>22</sup> O pesquisador observa:

O gado também vive aqui num estado semi-selvagem, num quase abandono e à Lei da Natureza. (p. 97).

E sumaria:

Em suma, a pecuária rio-grandense nada tem de particularmente cuidadosa: é a natureza propícia que realiza o melhor, e o homem confia mais nela que em seus esforços. (p. 98).

Na mesma direção, a repartição social entre patrão e empregado (representado pelo peão) não incide em cisão profunda ou um preconceito de classe. Pelo contrário, nas relações sociais parece

---

<sup>22</sup> PRADO JR., Caio. *História econômica do Brasil* São Paulo: Brasiliense, 1969. p.171.

imperar um clima de igualdade; veja-se o posicionamento igualitário entre Costinha, filho de um riquíssimo estancieiro, e Reduzo, o índio adotado e criado pela família (*Melancia - coco verde*). Ou entre o general José Abreu, o Anjo da Vitória, e seus soldados, pois não apenas ele compartilha com os outros da fome quando necessário, quanto atua como eles. Como se vê a seguir, a forma de guerrear de José Abreu é idêntica à de Juca Picumã (*Os cabelos da china*) que, como Reluzo, é um índio paupérrimo.

Esse, o cavalo dele não dava de rédea para trás, não! Esse, quando havia fome, apertava o cinto, com os outros e ria-se!

Esse, dormia como quero-quero, farejava como cervo e rastreava como índio...; esse, quando carregava, era como um ventarrão, abrindo claros no matagal.(...) Era o Anjo da Vitória, esse! (*Anjo da Vitória*, p. 201)

Roger Bastide, referindo-se ao tratamento dado aos escravos no Rio Grande do Sul, confirma a organização social estabelecida por Simões Lopes:

Os senhores de estância trabalham tanto quanto eles, estão mais próximos a eles e tratam-nos com menos desprezo. A criação tem sempre a mesma função democratizadora que já encontramos várias vezes, de nivelamento das cores, das camadas e das condições.<sup>23</sup>

Completa o autor:

O trabalho deixa de ser trabalho familiar do senhor branco, auxiliado por seus agregados e escravos,

---

<sup>23</sup> BASTIDE, Roger. *Brasil; terra de contrastes*. Trad. de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969. p. 171.



é trabalho cooperativo, em que os vizinhos se ajudam mutuamente na separação dos rebanhos, ou na condução dos animais escolhidos para as charqueadas. (p.179.)

IV - Como se vê, propriedade e posição social não constituem valores, segundo o paradigma moral de Blau Nunes. Na concepção do vaqueano, elas aparentemente inexistem no tempo passado. Valorizado é o espírito guerreiro, conferindo relevo a virtudes militares, como, a saber: a bravura de Juca Guerra, que salva o amigo de morrer esmagado por um touro ao tentar domá-lo, e a de Costinha, que não abandona a peleja, mesmo que isto possa implicar a perda da noiva:

Diante do dever o moço engoliu a tristeza, e mesmo não quis se desmoralizar desertando justamente naquela hora de peleia. (*Melancia - coco verde*, p. 193)

a disciplina, pois foi sua ausência que ocasionou a tragédia narrada em *O Anjo da Vitória*:

Os ajudantes galopavam conduzindo ordens... mas parecia que toda a força ia fugindo dum batalha perdida, que não era, porque tudo aquilo era da indisciplina, somente. (p. 203)

a ausência de medo:

Não bulia uma folha; o silêncio, nas sombras do arvoredo, metia respeito... que medo, não, que não entra em peito de gaúcho. (*Trezentas onças*, p.129.)

a lealdade e a honra, como a de Bento Gonçalves e Coronel Onofre, que, duelando para resolver uma diferença de opiniões sobre uma mulher, não se aproveitaram de um mau momento um do outro (perda da espada durante o duelo, socorro de Bento

Gonçalves quando Onofre foi ferido) para se matarem:

Ela só não pôde foi mudar o preceito de honra deles: brigavam de morte, mas como guascas de lei: leais, sempre! (*Duelo de Farrapos*, p. 224.)

e a responsabilidade diante da vida (Blau recusa suicidar-se, embora pense ter perdido o dinheiro do patrão, em *Trezentas onças*); quanto à morte, esta só é digna no campo de batalha, em luta, como o faz Jango Jorge e não pode fazer Juca Guerra:

Veja vancê!... Um gaúcho daqueles... destorcido, bonzão!... Aquilo, era pra ficar na coxilha, picado de espada, rachado de lanças, mas não pra morrer como foi, aperreado em cima da cama, o corpo besuntado de unturas e a garganta entupida de melados e

pozinhos dos  
doutores!... (p. 231)

O espírito guerreiro, em tempos de paz, transforma-se no desejo de aventuras, próprio de *Correr eguada*, e no nomadismo que recusa a vida sedentária do agricultor ou do comerciante como a do ilhéu de *Melancia - coco verde*, criticado porque difere integralmente do gaúcho:

Esse tal era um ilhéu,  
mui comedor de  
verduras, e que para  
montar a cavalo havia  
de ser em petiço e  
isso mesmo o petiço  
havia de ser podre de  
manso... e até  
maceta... e nambi... e  
porongudo!... (p.  
189.)

Essas qualidades, quando evidenciadas, valorizam o homem; e de sua presença emerge o gaúcho autêntico, independentemente da riqueza ou posição social de seu portador. Deste modo, representam-no tipos sociais bastante diversos, como o contrabandista Jango Jorge, o índio Juca Guerra, padrinho de Blau, o estancieiro Costinha, o general José Abreu, conhecido como Anjo da Vitória, os líderes militares dos farroupilhas, Bento

Gonçalves e Coronel Onofre, exemplificando cada um deles de modo parcial ou total as virtudes referidas.

V - A unidade da identidade gaúcha não é dada por uma classe social ou por um padrão econômico, mas pela existência de um espírito guerreiro que se faz desejo de aventura em tempo de paz. A origem desse sistema situa-se nos começos da história do Rio Grande do Sul, traçada igualmente nos *Contos gauchescos*.

Segundo Blau Nunes em *Contrabandista*, foram os combates pela conquista e defesa da terra que levaram à necessidade de contrabandear, no caso, armas. E é ainda em função da terra, que deve ser defendida dos castelhanos, que nasce e se desenvolve o gaúcho:

Depois veio a guerra das Missões: o governo começou a dar sesmarias e uns quantíssimos pesados foram-se arranchando por estas campanhas desertas. E cada um tinha que ser um rei pequeno... e agüentar-se com as balas, os

lunares e os chifarotes  
que tinha em casa!...  
Foi o tempo do  
manda-quem-pode!...  
E foi o tempo que o  
gaúcho, o seu cavalo  
e o seu facão,  
sozinhos,  
conquistaram e  
defenderam estes  
pagos!... (p. 207)

A conquista da terra vem associada à guerra (o Rio Grande foi o único território incorporado à coroa portuguesa por meio das armas), e é desta união que nasce o gaúcho; com ele, sobrevém um código de valores que confirmava a origem e o meio onde ele se desenvolveu. Além disso, o Rio Grande viveu em guerras permanentes até a do Paraguai (1865-1870), e esta constância favoreceu a permanência do sistema.

VI - O código gaúcho de valores supõe outra atitude ainda não referida: a relação com os animais. Este relacionamento entre dois mundos distintos caracteriza-se pela percepção que o homem tem do animal, humanizando-o, e pelo tratamento dado a ele, idêntico àquele que o gaúcho tem para um companheiro.

O ponto de partida da percepção particular do animal é a relação do gaúcho com o cavalo.

Blau Nunes, nos *Artigos de fé do gaúcho*, recomenda que se fale ao cavalo “*como se fosse a gente*” (p. 235). Em *Juca Guerra* o cavalo é morto, porque “*um gaúcho de alma não abandona assim o cavalo: antes mata-o, como amigo que não emporcalha o seu amigo!*” (p.234).

Esta relação de igualdade com o animal leva, conseqüentemente, à identificação nele de características humanas:

parecia que o  
bichinho estava me  
chamando!...

(*Trezentas onças*, p.  
126.)

e mal isto, o  
cachorrinho pegou a  
retouçar, numa  
alegria, ganindo -  
Deus que me perdoe!  
- que até parecia fala!  
(*Id.*, p. 127)

Cá pra mim o boi  
velho - uê! tinha  
caraca grossa nas  
aspas! - o boi velho  
berrava de saudades  
do companheiro e  
chamava-o, como no  
outro tempo, para

pastarem juntos, para  
pastarem juntos, para  
beberem juntos, para  
juntos puxarem o  
carretão... (*O boi  
velho*, p. 160.)

e tal e qual como uma  
pessoa penarosa, que  
gosta de estar  
sozinha, assim o  
carreteiro ganhou o  
mato, quem sabe, de  
penaroso, também...  
(*Id.*, p. 161)

A igualdade, percebida entre o homem e o animal, que provoca o rompimento da separação entre os dois mundos, provém num primeiro momento da participação daquele na vida do gaúcho. No entanto, há uma unidade maior entre ambos:

Vancê acredita?...  
Nesta manhã, desde  
cedo, os pica-paus  
choraram muito nas  
tronqueiras do curral  
e nos palanques... e  
até furando no oitão  
da casa;... mais de um  
cachorro cavoucou o



chão, embaixo das  
carretas... e a Maria  
Altina achou no  
quarto, entre a parede  
e a cabeceira da cama,  
uma borboleta preta,  
das grandes, que  
ninguém tinha visto  
entrar... (No  
*manantial*, p. 143.)

Neste caso, há uma antecipação do que  
ocorrerá, dada pela atitude dos bichos. Além disto,  
estes, agora unidos ao mundo vegetal, podem  
manifestar algo de incomum ou extraordinário, às  
vezes mágico ou fantasmagórico:

Mas, onde quero  
chegar: vou mostrar-  
lhe, lá, bem no meio  
do manantial, uma  
coisa que vancê  
nunca pensou ver; é  
uma roseira, e sempre  
carregada de rosas...  
Gente vivente não  
apanha as flores  
porque quem plantou  
a roseira foi um  
defunto..., e era até

agouro um cristão  
enfeitar-se com uma  
rosa daquelas!...

Mas, mesmo ninguém  
poderia lá chegar; o  
manantial defende a  
roseira baguala: mal  
um firma o pé na  
beirada, tudo aquilo  
treme e bufa e  
borbulha...

Uns carreteiros que  
acamparam na tapera  
do Mariano contaram  
que, pela volta da  
meia-noite, viram  
sobre o manantial  
duas almas, uma,  
vestida de branco,  
outra, de mais  
escuro... e ouviram  
uma voz que chorava  
um choro mui  
suspirado e outra que  
soltava barbaridades...  
Mas como era longe e  
eles estavam de  
cabelos em pé... - pois  
nem os cachorros  
acuavam, só

uivavam... uivavam...  
- não puderam dar  
uma relação mais  
clara do caso.  
E o lugar ficou mal-  
assombrado. (No  
*Manantial*, p.138-9.)

Deste modo, a natureza, englobando o mundo vegetal e animal, apresenta para os homens um sentido que ultrapassa sua acepção primeira, de que advém sua sobrenaturalidade. Ao mesmo tempo, ela não se opõe ao homem, mas o envolve, pois ele identifica conscientemente o mundo animal a si. Assim, neste mundo em que as coisas traduzem mais do que o seu significado próprio, em que os animais prevêem acontecimentos ou têm “atitudes humanas”, torna-se possível: o milagre, narrado em *O Menininho do presépio*, em que Velinda salva-se da morte quando o Menino Jesus salta do presépio e coloca-se entre a moça e o facão de seu provável assassino; ou o mau agouro, como o que pode trazer um buçalete, feito com cabelos de mulher e que Blau recebeu de Juca Picumã, seu companheiro durante a guerra dos Farrapos.

A explicação para o comportamento dos homens, que tem como referência um determinado sistema de atitudes e valores, amplia-se numa identificação homem-animal-natureza, em que esta não tem um sentido natural, mas fantástico. E tal

identificação revela um pensamento mítico e uma visão sacralizada da natureza, que repousa no prodigioso, vale dizer, na possibilidade que as coisas têm de afetar os acontecimento e na ausência de separação entre o mundo humano e o mundo vegetal-animal.

VII – Observou-se anteriormente que os contos expressam a cisão temporal entre o passado, este carregado de positividade, e o presente. Por sua vez, este passado, caracterizado enquanto um sistema econômico, social e ideológico, foi perdido, e Blau está consciente disso. O que levou a este rompimento?

A explicação aparece no conto *O boi velho*, protagonizado pelos Silva, “*uns Silva muito políticos*”, responsáveis pela morte do boi Cabiúna. Porque o animal envelhecia e “*iria morrer atolado no fundo dalguma sanga e... lá se ia então um prejuízo certo no couro perdido*” (p. 161), seus proprietários decidem sacrificá-lo.

Para evitar a perda de dinheiro, o boi é morto por um peão da estância. Com esta atitude, os Silva parecem esquecer de seu próprio passado, quando Cabiúna os conduzia de carreta ao banho no arroio; além disso, eles contrariam radicalmente o código proposto na obra. No fundo deste ato, está, pois, um gesto mais definitivo: eles provocam a ruptura da solidariedade entre o homem e o animal, resultante da visão sacralizada e mítica com

que os indivíduos agem e se posicionam diante do mundo natural.

Por sua vez, os Silva pertencem a um outro tempo, porque eles não se caracterizam como guerreiros, mas como políticos; eles andam “*sempre metidos em eleições e enredos de qualificações de votantes*” (p. 159). Suas atividades não são militares, nem aventureiras, como as do autêntico gaúcho da época da conquista bélica, e sim partidárias, própria a um tempo de paz. A cisão com a tradição e com o mundo mágico tem raízes históricas, decorrendo da fixação definitiva do território meridional, que não justifica mais as incessantes guerras e conflitos armados. Instaure-se a paz, e com ela sobrevêm o político e a morte da tradição. Realidade presente de João Simões, velhice de Blau Nunes, os Silva representam a instalação de uma nova era e a morte do gauchismo.

VIII - Se os Silva violam a tradição fundada na identidade homem-animal porque houve uma mudança histórica – a saber, o estabelecimento da paz –, é de supor que existe uma relação entre esta tradição, marcada pela sacralização do mundo, e a guerra.

As lutas armadas, segundo Blau Nunes, foram conseqüência do desejo de conquista e fixação da terra, sendo que a formação do gaúcho remonta ao período guerreiro em que ocorreram

esses fatos. O gaúcho não se vincula, portanto, apenas às batalhas, mas também à terra conquistada. Assim, se de um lado o gaúcho é a guerra que lhe deu origem, ele é também, e com a mesma força, a terra que conquistou. E se os seus valores se fundamentam nesta vivência eminentemente aguerrida, a sua explicação para os acontecimentos também deverá expressar esta unidade com a natureza, própria a uma consciência mítica. A paz, por sua vez, contraria este sistema e acaba por substituí-lo por outro, em que o soldado cede lugar ao político, desaparecendo os vínculos afetivos com a terra dominada. Esta passa a ser considerada riqueza, tanto quanto os animais que a povoam, especialmente os que estão ligados às atividades econômicas da região. Não por outra razão – e sim em decorrência de seu provável valor em dinheiro – Cabiúna é morto.

Simões Lopes Neto, ao criar os *Contos Gauchescos*, não vivia mais a época que os tornou possíveis. Ao voltar-se para ela, compreendeu sua razão de ser e seu fim. Mas seu gesto como escritor é também o de compreensão de seu tempo, de sua realidade, que contrariava a tradição e propunha novos valores, aos quais ele se opunha. Deste modo, os *Contos Gauchescos* não são simplesmente a reconstituição do passado, de um modo de vida particular, mas também um pensamento e um alerta contra o presente que contraria uma tradição através da qual se ergueu a

civilização rio-grandense e é responsável por seu desaparecimento.

A atitude de João Simões – voltar ao passado para compreender a sua perda – deixa uma questão fundamental. Ela coincidiu, e não por acaso, com o momento de maior criatividade do regionalismo gaúcho. A questão é saber por que este floresceu simultaneamente à perda do mundo que o gerou.

## A LITERATURA GAÚCHA E O ESCONJURO DA MORTE

Luiz Antonio de Assis Brasil  
PUCRS

**Eu sou a vida, não sou a morte.**

### **Qorpo-Santo**

1. *Antes de uma cultura, uma literatura.*  
Diz-se que só pode existir uma literatura se preexiste uma cultura. A literatura seria a expressão dessa cultura, representando-a em seus elementos. Assim, toda indagação a respeito da existência de uma literatura proporia o deslinde de um problema preliminar: há uma cultura anterior? Por exemplo: só existiria a literatura gaélica se existisse uma prévia cultura gaélica.

A proposta, sedutora por seu enunciado, pode levar a equívocos. Sabe-se que a cultura, entre dezenas de definições, ainda não conseguiu materializar-se em uma instituição cabal, fato que gera uma desconfortável sensação de vacuidade. Ademais, é impossível tentar a definição de cultura a não ser partindo de certos elementos antropológicos. Ora, a antropologia é uma disciplina com sua própria epistemologia e objeto, e portanto não-aplicável a qualquer outra área, como por exemplo, a literatura. Logo, é intelectualmente



inidôneo tentar aproximações entre a antropologia e a literatura, como se a última dependesse das conclusões daquela.

Não existindo como entidade autônoma, a cultura só existirá se assumir códigos e símbolos pelos quais se transforme em objeto de reconhecimento. E esse domínio é da palavra, seja antropológica, seja literária, e nisso nos apóia Lévi-Strauss, com sua conhecida idéia de que os fatos culturais não falam por si mesmos. A mediação é inevitável.

A literatura, por jogar com elementos impraticáveis para o mundo da antropologia, não apenas registra, analisa e conclui, mas interroga e transforma a realidade, invertendo-a, fantasiando-a, e – usando uma linguagem muito pós-moderna –, carnavalizando-a. Disso resultará uma cultura mediada pela sensibilidade artística, e apta a instituir (“criar”), um imaginário, fundador de elementos simbólicos e dotado, como no caso gaúcho, de pétreas escalas axiológicas. É evidente que não se trata de uma criação *ex nihilo*, mas realizada a partir de alguns componentes visíveis que, metamorfoseados pela literatura, acabam constituindo uma novidade.

## 2. *A literatura, a forma gaúcha de pensar.*

No Rio Grande do Sul é muito mais visível esse atributo “criador” da literatura: como outrora não tivemos filósofos nem economistas ou, pelo menos,

filósofos e economistas que refletissem sobre o Estado, a literatura tornou-se nosso peculiar modo de pensamento. É a literatura que nos institui, é dela que nos servimos para definir o que somos, e – eis o foco – o que desejamos ser. Isso já veremos.

Para avançar nessa reflexão, temos de previamente pensar na caracterização de nossa literatura.

Uma idéia corrente é tratar dos elementos identificadores de uma literatura a partir de suas temáticas. Entre nós, já muito tempo foi despendido nessa procura, chegando-se a alguns itens como o pampa, a vida do peão, a estância, o mosaico étnico e imigratório, o êxodo rural. Embora útil, essa visão é problemática, pois tais itens são comuns às várias literaturas do Cone Sul, mormente a uruguaia e a argentina. A pensar-se desta maneira, a literatura sul-rio-grandense não se distinguiria dessas outras, nossas vizinhas. Aldyr Schlee, por exemplo, chega a falar numa literatura gaúcha supranacional, comum a essas regiões.

3. *Nossa literatura, a criadora de uma mundividência.* É certo que nesse processo instituidor da cultura, não faltam a chimarrita, o chiripá e a guaiaca, a cancha-reta, etc., etc., mas antes de tudo, trata-se da instituição de um *sentimento*, ou se quisermos, de uma *mundividência*, que a literatura estilizou e fixou, e isso desde a proclamação lírica de Bento

Gonçalves, feita ao início da Revolução Farroupilha: uma perfeita voz falando *sub species aeternitatis*. Esse documento foi nosso primeiro degrau rumo a uma “criação” cultural. (Com escusas pelo exercício à Derrida, até o nome “Bento” – bendito – tem algo a dizer). Não será por nada que as primeiras narrativas gaúchas tratam justamente dessa tragédia fundadora de nossa História, dando-lhe uma aparência intelectual, transfigurando-a em signos literários e morais, “criando-a”.

Nesse afã “instituidor” de nossa cultura, a literatura também expressará uma concepção de mundo que faz propostas de futuro, indo à busca do já visto “como desejamos ser”. Mas o que desejamos ser? Antes de mais nada, um povo; depois, um povo com raízes na História. E como povo que tem raízes na História, garantimos a imortalidade.

A mundividência instituída pela literatura, nesse contexto, expressa-se por uma impávida luta contra a morte desse povo. As narrativas estão plenas de mortes individuais, e Simões Lopes Neto, em alguns de seus contos, prima pela narração de homicídios sanguinários. Mas aí ocorre o proposto por Heidegger: se é verdade que “se morre”, não é certo que “eu” morra. Enquanto “as pessoas morrem”, eu, o gaúcho, erigido em metonímia de uma ordem superior, que é a complexidade imortal de nosso povo, eu não morro. A preservação das

tradições, promovida pelos CTGs e historicamente perfilhada pelo Estado, significa o abismar-se do indivíduo no plano coletivo, o que não desaparece. Nesses páramos legendários, evitam-se as agruras da morte pessoal, inclusive suas aflições metafísicas.

No mesmo sentido, Simões Lopes, porque artista superior, consegue um resultado que, do ponto de vista das conseqüências, é uma autêntica proeza: por um lado ele nos afirma que a morte individual é reservada aos bandoleiros, (ou, quando ocorre com o “bom”, ele ganha estatura imortal, como em *O negrinho do pastoreio*); por outro lado, diz-nos que podemos atingir a perenidade através do cultivo uma panóplia de valores imorredouros, cristalizados em certas palavras-ícones, tais como a bravura, a lealdade, a hombridade. E Blau Nunes é a personagem-tipo criada especialmente para a encarnação desses valores.

4. *Os autores.* As poucas ambições deste artigo não permitem a enumeração e análise das obras que percutem a mesma tecla, mas essa perspectiva de mundo encontramos desde o citado Simões que, reforçado pela compulsão documental, realizou um experiência bem-sucedida de “criação” dessa cultura, passando por Alcides Maya, Cyro Martins, Erico Verissimo. O Rio Grande do Sul não seria o que é sem os *Contos gauchescos*, sem a *Trilogia do gaúcho a pé* e especialmente sem *O*

*tempo e o vento.* É claro que esta mundividência não surge explícita, mas transparece como entidade detectável apenas aos olhos críticos, e materializa-se pelo fato de nos considerarmos dignos de um lugar na História. Não que esses autores tivessem expressamente tal intenção, mas isso resultou da recepção de suas obras.

5. *Os novíssimos.* Hoje em dia, o fenômeno literário sul-rio-grandense adquiriu novas roupagens, e só pode reencontrar o passado sob forma da paráfrase, da paródia ou do pastiche. Aos novos escritores pouco se lhes dá a vertente gaudéria de nossa literatura, com suas promessas de imortalidade. Pessoas das ruas e não das planícies, os novíssimos comungam com a idéia de J.-L. Borges, de que o gaúcho é criação do intelectual urbano. Ao se apropriarem de personagens e façanhas pregressas, os novíssimos agem como transformadores, quase sempre cínicos, de uma realidade que não mais lhes diz respeito. Dessa forma, a “literatura jovem”, sem o Passado, vê-se de frente com o Estético. E não há escapatória: suas obras persistirão apenas se tiverem um *quid* literário. Se isso é bom, significando a retomada do texto como algo apreciável, por outro lado poderá redundar numa visão estetizante, a evocar o *l’art pour l’art* baudelairiano. E a morte, a Infalível, volta a ser um fato dolorosamente individual.

Mas essas são outras histórias.

## MEU QUERIDO DIGNO VELHO BLAU!<sup>24</sup>

Aldyr Garcia Schlee

Meu querido digno velho Blau! Estou te ouvindo ainda, estamos todos te ouvindo. Tua fala te contrói e reconstrói e te impõe para sempre, além do tempo e da imaginação daquele que te criou e que te teve por guia e segundo. Enquanto te revelas e te recrias na memória das coisas e na oralidade de tua narração, te vejo e te revejo na humanidade do tipo gaúcho que foste e na perenidade do personagem de ficção que és.

- Ah! tempo!...

- Não te apoquentes: só os anos passaram. E tudo é como se não fosse... Tu mesmo, tu deverias ter nascido em 1817, 18, pelos meus cálculos...

- Faz tanto ano!

- Mas continuas o mesmo vaqueano de ontem.

- Sou tapejara, sei tudo, palmo a palmo.

- Na verdade, o tempo já não conta para quem, como tu, pelas palavras se tornou perene como um tarumã verdejante. Como tapejara, certamente saberás agora voltar comigo na estrada, em busca dos velhos caminhos...

---

<sup>24</sup> Texto publicado na edição de 2/10/99 de ZERO HORA, na série 20 PERSONAGENS DA LITERATURA GAÚCHA DO SÉC. X

- Sempre dói na alma mexer nessas lembranças. E há quem não acredite...
- Sei. Mas é diferente quando se trata de alguém como tu, que chegaste a te envolver com a lenda, mas soubeste vencer seu encanto e ainda tiveste força para dela sair redivivo; e foste andando, andando apenas humano - o mesmo gaúcho pobre que antes só tinha de seus o cavalo gordo, o facão afiado e as estradas reais.
- Prefери minha pobreza à riqueza da onça de ouro furada pelo condão.
- Estavas certo de que serias pobre como antes; porém, que comerias em paz o teu churrasco... e terias em paz o teu chimarrão, em paz a tua sesta, em paz a tua vida, não é mesmo?
- (Eu queria a teiniaguá, a teiniaguá encantada!)...
- O quê? Não ouvi o que disseste.
- Amigo! Vancê creia: o coração às vezes trepa, dentro da gente, o mesmo que jaguatirica por uma árvore acima!...
- É verdade. Contudo, tens a alma forte e o coração sereno.
- Muita gente anda no mundo sem saber por quê: vivem, porque vêem os outros viverem. Alguns aprendem a sua custa, quase sempre já tarde para um proveito melhor. Eu sou desses.
- Tua infância...
- Amigo! A quinha dos ranchos esconde tanta coisa como os telhados dos ricos!
- Tua infância deve ter sido braba...

- Ah! o tempo! Ninhar e armar arapucas, até botar as vacas, ir aos araçás e pegar mulitas. Depois, aprender a camperear, domar, capar... até saber apartar gado gordo e tocar uma tropa.
- É que já com dez anos estavas metido na guerra.
- Nem lhe falo das cousas divertidas do serviço, como rodadas, algum matungo riscado de aspa de brasino, as compadradas da peonada e outras que sempre alegram um campeiro...
- Sim, mas com dez anos andavas metido na guerra com os castelhanos.
- Parece que eu lhe estou enredando o rastro mas não estou, não; vancê escuite.
- Estou te ouvindo, sempre.
- Vancê não é daquele tempo... quando rompeu a independência, lá na Corte do Rio de Janeiro... e depois tivemos que ir para a coxilha fazer a Guerra dos Farrapos...
- Sim.
- Galego, naquele tempo era gente, vancê creia! Estância, era dele; negócio, era dele; oficial, era só ele; era arrematante das sisas, ele; surgião, ele; padre-vigário, ele; e pra botar a milicada em cima dos continentistas... era ele! Gente da terra não valia nada!
- ...
- Que é que vancê está dizendo?... O que nós somos hoje a eles devemos? Qual ! Vancê tome tenência e vá vendo como as cousas, por si mesmas, se explicam.



- Sim. Mas estávamos falando das guerras com os castelhanos...

- Ah! Patrãozinho!... Eu era gurizote: teria, o muito, uns dez anos; e andava na companhia de meu padrinho, que era capitão, para carregar os peçuelos e os avios de chimarrão.

- Foi depois da batalha de Ituzaingó, no Passo do Rosário, não?

- As cousas da peleia não sei, porque era menino e não guardava as conversas dos grandes; o que queria era haraganear. Se bem me lembro, o meu padrinho dizia que o general que mandava tudo, que era um tal Barbacena, não passava de um presilha que, por andar um dia a cavalo já tinha que tomar banhos de salmoura e esfregar as assaduras com sebo...

- Os castelhanos prenderam fogo nos campos, fizeram uma fumaceira de não se enxergar nada, não foi?

- A nossa cavalaria se enrodilhou toda, fazendo uma enrascada de mil diabos... e enquanto o tiroteio nos estraçalhava - aí, amigo, andei eu às pechadas - enquanto isso... veio uma rajada forte de vento, que varreu a fumaça, limpou a vista de todos e mostrou que era a nossa infantaria que nos tinha feito aquela desgraça...

- Teu padrinho morto...

- Comecei a chorar. Num tirão foi que vi que estava sozinho, abandonado, gaudério e gaúcho, sem

ninguém pra me cuidar! Quando dei por mim, andava enancado num lote de fujões...

- Eras um guri e já corrias mundo!

- Comi do ruim.

- O que não impediu que tenhas sido ordenança de Bento Gonçalves, chasque do Imperador e marinheiro improvisado de Tamandaré.

- Naquele tempo tudo era aberto: as estâncias pegavam umas nas outras sem cercas nem tapumes. Davam-se sesmarias, e uns quantíssimos pesados foram-se arranchando por estas campanhas desertas. E cada um tinha que ser um rei pequeno... Foi o tempo do manda quem pode!...

- Isto veio mais ou menos assim até a Guerra dos Farrapos...

- Pois amigo, se lhe conto! Quando rebentou a Guerra dos Farrapos eu já tinha o meu bigodinho e me apresentei, de minha vontade. Eu era um pobre soldado que qualquer um podia jungir nas estacas...

- Mas viste muita coisa de perto, ao lado dos grandes.

- Gente como eu é bicho bruto e os graúdos não dão confiança de explicar as cousas, por isso é que eu não sei muitas delas: tenência não me faltava, mas como é que eu ia saber os de adentro dos segredos?

- Andaste às voltas com Caxias, Pedro II... Testemunhaste o duelo entre Onofre e Bento... E será mesmo que foi o fungu daquela emissária de

Oribe ou de Rivera que transtornou a amizade entre os dois chefes farroupilhas?

- Ué!... e que pensa vancê? Rabo-de-saia é sempre precipício pros homens.

- Não sei... Homem, olha-se nos olhos; mulher, na boca (tu dizes). Mas sei que tiveste olhos para os olhos tímidos e haraganos da Tudinha, para os olhos de terneira com luz de riso da Lalica, quem sabe desapertaste o coração nos olhos da Maria Altina, e é certo que sentiste por dentro o olhar da emissária aquela!...

- A tal dona... Olhava para a gente como o sol olha pra água: atravessando! Cuepucha!... Isto de china e gatos... quem amimar sai arranhado... Mulheres! Estancieiras ou peonas, é tudo a mesma coisa... é tudo bicho caborteiro; a mais santinha tem mais malícia que sorro velho!...

- Afinal, foste chefe de família, tiveste filhos, um zaino, um cachorrinho brasino, o campito com uma ponta de gado manso, as leiteiras, a junta de jaguanés lavradores, e uma tropilha de colorados...

- Ah! saudade!... É uma amargura tão doce, patrãozinho!... Hoje... é verdade que há muita cousa boa, isso é verdade... mas ainda não há nada como antigamente, tomar mate e correr eguada... Xô-mico!... Vancê veja... eu até choro!...

- E a morte, Blau? Tu escapaste de ficar na coxilha, picado de espada, rachado de lanças...

- Pobre de mim! Mas também não de hei de morrer como bicho de galinheiro, como um pisaflôres da

cidade, aperreado em cima de uma cama, o corpo besuntado de unturas e a garaganta entupida de melados e pozinhos de doutores!...

(E Blau Nunes bateu o chapéu para o alto da cabeça, deu um safanão no cinto, aprumando o facão; foi parando o gesto e ficou-se olhando sem mira, para muito longe, para onde a vista não chegava, mas onde o sonho acordado que havia nos seus olhos chegava de sobra e ainda passava... ainda passava, porque o sonho não tem lindeiros nem limites...)

**JOÃO SIMÕES LOPES NETO E JAVIER DE  
VIANA: DOIS ESCRITORES  
FRONTEIRIÇOS E UM DIÁLOGO  
HIPOTÉTICO**

Ligia Chiappini  
Freie Universität-Berlin/Lateinamerika-Institut

**“... nosso regionalismo se impõe necessariamente por cima das divisas dos países e apesar das línguas diferentes, desconhecendo barreiras e reproduzindo a imagem aberta das imensas planuras e dos campos sem fronteira da região pampeana.”  
(Aldyr Schlee, 1989)**

I Preliminares necessários

Este texto é parte de um trabalho em andamento, *work in progress*, no âmbito de um projeto mais geral e ambicioso, intitulado **Fronteiras Culturais e Cultura Fronteiriça na comarca pampeana: obras exemplares**. Alguns dos objetivos do projeto geral e deste trabalho em particular são:

1. Atualizar, teórica, analítica e empiricamente, os estudos sobre

literatura e cultura gaúchas em tempo de globalização.

2. Retomar os estudos de Ángel Rama (1967 e 1985) e Alejandro Losada (1976), de Guilhermino Cesar (1956-1973), Manoelito de Ornellas (1948), Augusto Meyer (1952) e Donaldo Schüller (1987), para citar apenas os mais importantes entre os que tentaram algumas comparações entre a gauchesca brasileira e a platina, desenvolvendo e aprofundando hipóteses e intuições que eles apenas formularam.
3. Contribuir, assim, a partir da Cátedra de Brasilianística do Instituto Latino-Americano da Universidade Livre de Berlim<sup>25</sup>, para a superação do que se poderia chamar o “Tratado de tordesilhas” cultural, isto é, a superação do profundo desconhecimento entre América Hispânica, Caribe e América Luso-Brasileira.
4. Na linha de Jorge Schwartz (“Abaixo Tordesilhas” 1993), e de Ignacio Corona (“Vecinos distantes? Las agendas críticas posmodernas en hispanoamérica

---

<sup>25</sup> Primeira e única na Alemanha, essa cátedra é ocupada por mim desde 1997 e trabalha em sintonia com Hispanoamericanística e Caribística, constituindo a disciplina comum: Latinoamericanística.

y el Brasil, 1998), trata-se de desenvolver os estudos comparativos horizontais - Sul-Sul -, como forma de “descolonizar nossa história” (Corona, 1998).

5. Atualizar os estudos da gauchesca brasileira e platina é também atualizar e aprofundar as pesquisas sobre regionalismo, conforme propõe, recentemente, Bernal Herrera em: “El regionalismo hispanoamericano: coordenadas culturales y literárias” (2001-Casa de las Américas, 224, julio-sept.), conectando pesquisas como as dele com a já longa tradição dos estudos regionalistas no Brasil.<sup>26</sup>

---

– <sup>26</sup> Sobre os principais problemas envolvidos nessa pesquisa e os preconceitos da crítica literária mais tradicional no Brasil, veja-se: Lúcia Chiappini: „Regionalismo e Modernismo: tradição, modernidade e valor na literatura brasileira”, in: *Transformations of Literary Language in Latin American Literature: From Machado de Assis to the Vanguardists*, ed. by David Jackson, Department of Spanish and Portuguese, University of Texas at Austin, Abaporu Press, Austin, 1987, p. 12-23; „Velha praga? Regionalismo literário brasileiro”, in: Ana Pizarro (org.), *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*, vol.2, Edunicamp, Brasil, 1994. P. 665-702 e „Do beco ao belo: teses sobre o regionalismo”, in: *Estudos Históricos, história e região*,

Faz parte da atualização do tema a sua inserção no contexto de uma reflexão mais geral e contemporânea sobre as relações entre o local e o global, sobre a redefinição das identidades nacionais e grupais num mundo em que as diferentes nações se encontram em uma intrincada rede de relações econômicas, políticas, sociais e culturais de alcance mundial, a chamada - por mim, com reservas - de constelação pós-nacional, já que o termo gera maletendidos do tipo: não há mais nação ou não há mais sentido em falar de literatura brasileira, etc...etc...

No caso da gauchesca platina e brasileira, coloca-se, dentro dessa questão mais geral, outra igualmente de grande atualidade: a questão das fronteiras geopolíticas e culturais, com a produção e redefinição de identidades e a expressão dos “subalternos”<sup>27</sup> nos confins do Brasil.

Os diversos estudiosos que se debruçam sobre esse conceito, enfatizam a significação do próprio termo fronteira, já que lhe é próprio assinalar um espaço que, ao mesmo tempo, separa e une:

---

15, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1995, p. 153-159.

<sup>27</sup> O termo aqui é empregado no sentido usado por Spivak (*Can the subaltern speak?* 1988).



“Enquanto limite, ela separa um dentro de um fora, um antes de um depois, um aqui e um lá, um mesmo e um outro. Mas ao mesmo tempo, ela torna o mesmo inseparável do outro e o outro inseparável do mesmo. Lugar de separação e de união, a fronteira tem essa característica de introduzir entre o mesmo e o outro uma zona ambígua - zona fronteira - onde cada um está ao mesmo tempo fora e dentro em relação ao outro e em relação a si mesmo”. ( Amado López “La notion de frontière”, 1992, p. 8).

Atravessar fronteiras é redefinir identidades. Os subalternos – dos quais neste projeto, Martín Fierro seria um emblema ainda atual (Losada, 1968), fugindo à sua ninguengade ou ao risco físico e moral de anulação como outro indesejado, acabam buscando nos seus iguais de outras raças, culturas e línguas, a eles irmanados pela condição subalterna, uma forma de preservar-se como indivíduo e como pessoa digna. Salvar a pele e a dignidade. O desejo de preservar a identidade, mesmo que entregando-se à outridade, é uma forma atual de lidar com a sobrevivência da tendência regionalista na literatura da fronteira do Brasil com os países do Prata, o que nos pode levar a uma revisão do regional e ao estudo das identidades híbridas que aí se configuram e reconfiguram (Masina, 2001).

Coloca-se, assim, a relação do gaúcho e do índio, do gaúcho e do negro, do gaúcho e do

gringo, o que nos defronta com uma extensão considerável do tema, ou seja, as fronteiras internas e as tensões entre os diferentes de cada lado das linhas divisórias nacionais, considerando a presença e o papel histórico, nos três países, de índios, escravos negros e imigrantes europeus, sobretudo no contexto das várias fases de modernização pelas quais passou a campanha gaúcha entre o final do século XIX e o final do século XX.

A pesquisa se propõe a cobrir três momentos nesse longo período: as três primeiras décadas, onde já se colocam as tensões que reaparecerão mais tarde, entre pré-modernismo e modernismo ou entre regionalismo e vanguarda, as três décadas seguintes, de um neo-realismo crítico das mazelas do subdesenvolvimento, que acaba se combinando com experiências formais que serão um ponto forte do chamado Boom, mas que poderíamos chamar, no caso brasileiro, de super-regionalismo (Antonio Candido: “Literatura e Subdesenvolvimento”, 1970/1987) e, finalmente, as quatro últimas décadas em que temas e tipos reaparecem, na maior parte das vezes sob uma forma paródica, alastrando-se para fora da letra e adentrando a música popular, a novela de televisão e o cinema.

À primeira fase pertencem autores cujas obras foram publicadas entre o final do século XIX e o final dos anos 20 do século XX, entre os quais:

Alcides Maya, João Simões Lopes Neto, Roque Callage, Ramiro de Barcelos (Brasil); Javier de Viana, Eduardo Acevedo Díaz, Carlos Reyles, Horacio Quiroga (Uruguai); Ricardo Güiraldes, Roberto Payró, Benito Lynch (Argentina).

Este texto apresentará a seguir, de forma ainda tentativa e exploratória, hipóteses para fazer dialogar entre si – na vida e na obra – dois ainda ilustres desconhecidos, quando não dentro dos seus respectivos países, seguramente para a maior parte dos especialistas de literatura latino-americana, para nem falar do público em geral<sup>28</sup>. No entanto, trata-se de dois autores hoje reconhecidos pela crítica, respectivamente do Uruguai e do Brasil, como expressivos das respectivas literaturas nacionais, especialmente no que diz respeito à região pampeana à qual pertencem e sobre a qual escrevem. Refiro-me ao uruguaio Javier de Viana (1868-1926) e ao brasileiro rio-grandense João Simões Lopes Neto (1865-1916).

Ambos representam uma literatura frontereira em diferentes sentidos: porque expressão da comarca pampeana que transcende os limites nacionais, políticos e geopolíticos, porque situada

---

<sup>28</sup> Os autores não constam na *Lateinamerikanischen Literatur Geschichte*, herausgegeben von Michael Rössner. Javier de Viana tampouco consta de *Hauptwerke der lateinamerikanischen Literatur*, Kindlers Literatur Lexikon. Já aí há algumas informações, embora parciais, sobre João Simões Lopes Neto e sua obra.

entre o canônico e o não canônico, entre o oral e o escrito, entre o culto e o popular, entre o campo e a cidade, entre um mundo pré-moderno e um mundo moderno, entre a vida solta do gaúcho campeador e guerreiro e a vida do peão encerrado em fazendas, cortadas por alambrados ou já sendo expulso para as periferias das cidades.

## II Javier de Viana e João Simões Lopes Neto: confluências e divergências

### As vidas

A primeira possibilidade de colocar esses dois autores em diálogo é através de suas vidas. A começar pelo fato de que, na biografia de ambos, há muitos pontos em comum, que aqui enumero esquematicamente:

Ambos provêm de família importante nas respectivas regiões, tendo antepassados ilustres na gestão da vida política, econômica e cultural. Javier de Viana nasceu em 5 de agosto de 1868, em Villa de Guadalupe (hoje Caciones), perto de Montevideo. O pai e o avô eram estancieros, descendentes de uma família tradicional. O bisavô, Marechal José Joaquín de Viana, foi o primeiro governador de Montevideo, ex-soldado e magistrado. Embora nascido nessa pequena cidade e tendo depois ido estudar em Montevideo, passou muito da sua infância na fazenda do pai, fato que

ele mesmo destaca em sua biografia, como sendo essencial para sua vida e obra:

... yo me crié en la estancia, aprendiendo a andar a caballo al muy poco tiempo de haber aprendido a caminar.

En aquel medio agreste, teniendo como educadores al capataz y a los peones gauchos que me divulgaron todos los secretos de la religión patriótica, aprendí a comprender las maravillas de la naturaleza, a soportar sus inclemencias y agradecer sus favores, amar a las bestias laboriosas, interpretando el misterioso lenguaje de los pájaros y las flores, y a justificar la ferocidad de las fieras, que de fijo, no serían tales si el “homo lupus”, la fiera mayor, no les hubiese planteado el férreo dilema: “matar o morir”. (Viana, 1921).<sup>29</sup>

João Simões Lopes Neto, nasceu em 1865, na Estância da Graça, nos arredores de Pelotas, Rio

---

<sup>29</sup> Autobiografía, frag. Publicada em: „Atlântida”, Buenos Aires, 26 de maio de 1921. Apud Barros-Lémez, Álvaro, *La obra cuentística de Javier de Viana*, 1985).

Grande do Sul. A cidade, chamada de Princesa do Sul, era, na época, mais importante do que Porto Alegre, a capital, porque enriquecida pela fabricação e comércio da carne seca (xarque). O bisavô do escritor era o comendador João Simões Lopes que, no início do século XIX, viera de Portugal e se estabelecera em Pelotas, então um pequeno povoado. Aí se transformou em rico fazendeiro, charqueador e dono de olaria. O filho dele, avô do escritor, soube continuar sua obra, aumentando a fortuna da família. João Simões Lopes Neto viveu até os 11 anos de idade na estância da Graça, sendo criado à moda de Rousseau, em contato íntimo com a natureza, os bichos e os peões de estância.<sup>30</sup> Como Viana, desde três anos de idade, Simões teve seu próprio cavalo e, ainda bebê, o pai (um gauchão típico) o roubava do berço para levá-lo a cavalgar no colo.

Viana estudou na Faculdade de Letras de Montevideo, onde se formou em 1887, ingressando depois na faculdade de medicina, que não chega a completar. Simões estudou no Colégio Francês de Pelotas e alguns biógrafos afirmam que tenha freqüentado também o Colégio Abílio, o melhor

---

<sup>30</sup> Emblemática desse início de vida é uma escrivanhinha que foi feita para ele, onde, antes de guardar papéis, canetas e livros, guardava ninhos e ovinhos de passarinhos e borboletas da sua coleção.

colégio da época no Rio de Janeiro<sup>31</sup>. Na mesma cidade tinha dois tios, que estudavam na escola de medicina. Seus biógrafos sempre se referem ao fato de que ele também teria iniciado esses estudos e os teria abandonado por motivos de doença. Mas uma recente biografia, escrita por Carlos Diniz e ainda inédita, prova que houve confusão, pois seu nome não consta na lista dos inscritos dessa faculdade, constando, porém, o de seus dois tios, que, últimos filhos de uma família numerosa, eram quase da mesma idade do sobrinho, daí talvez a confusão dos biógrafos.

Tanto Viana como Simões, depois de ter fortuna<sup>32</sup>, perderam ao longo da vida todos os bens. Simões, tendo experimentado projetos meio loucos na indústria, arruinou-se, vendendo uma atrás da outra as casas que possuía em Pelotas e perdendo também sua parte na estância. Terminou a vida como jornalista e professor. Viana, revolucionário perdedor, tendo passado grande parte de sua vida exilado, foi também perdendo fazenda e animais e terminou igualmente a vida pobre, dependendo da

---

<sup>31</sup> Carlos Diniz, na biografia inédita, citada, põe em dúvida essa hipótese, por não ter encontrado registros dessa presença de Simões nos arquivos do Colégio.

<sup>32</sup> As novas pesquisas biográficas estão relativizando a dimensão dessa fortuna, como no caso de Simões Lopes, podemos ler na biografia de Diniz, mas o fato é que as condições de vida de ambos os escritores eram, na juventude, bem mais favorecidas economicamente do que na maturidade e no final de suas vidas.

venda de contos que publicava em jornais e revistas, e que escrevia freneticamente ou reescrevia, adaptava, republicava sem parar em diferentes periódicos de Montevideo ou Buenos Aires. Publicou também alguns contos no Brasil, o que está ainda pouco inventariado.

Sobre suas muitas posses e muitas perdas, o próprio Simões dá o seu testemunho, entre amargo e irônico:

Eu tive campos, vendi-os; frequentei uma academia, não me formei; mas sem terras e sem diploma, continuo a ser... Capitão da Guarda Nacional. (Lopes Neto, “Educação Cívica”, 1906)<sup>33</sup>

Ambos se engajaram politicamente em causas nacionais. Ambos tinham um projeto literário-político-pedagógico, de influir, pela sua literatura, preservando e divulgando a memória cultural do pampa, respectivamente, do Rio Grande

---

<sup>33</sup> Conferência publicada pelo Grêmio Gaúcho, de Pelotas, em 1906. Segundo Diniz, Simões Lopes chegou a participar como tenente da Revolução Federalista, na função de secretário do terceiro batalhão de infantaria da Guarda Nacional, mas estava mais interessado em seus negócios e escritos do que na guerra, por isso tratou de arranjar logo uma licença que durou até o final desta. Da experiência breve e interrompida parece ter-lhe ficado o título honorífico de Capitão da Guarda Nacional.



e do Uruguai para as novas gerações. E ambos colocaram suas crônicas e contos a serviço do povo mais pobre, que sofria com a modernização das estâncias, transformadas em fazenda, com o processo de urbanização, que ia deixando à margem o gaúcho pobre, antes tido como herói e defensor da Pátria, nas lutas de fronteira e, agora, transformado em bandido, rebelde, contrabandista, marginal ou submetido ao trabalho mais disciplinado das fazendas, como agregado ou como sem terra, quando não expulso para as periferias das cidades.

Diferentemente de Simões Lopes, porém, Viana levou mais longe o engajamento político, lutando pessoalmente, como foi o caso do argentino José Hernández muitos anos antes, do lado dos blancos e nacionais, contra os colorados liberais e modernizadores.

Ambos tiveram vida curta, mas Viana viveu 6 anos mais que Simões e, como nasceu três anos mais tarde, pode ver, sentir e expressar mais diretamente as transformações que, para o bem e para o mal, o progresso técnico e o processo de urbanização rápida trouxeram para o homem pobre do pampa. Por isso e por razões de sobrevivência talvez mais imperiosas, Javier de Viana tornou-se um escritor quase que poderíamos dizer de best seller, escrevendo as vezes três contos ao mesmo tempo, encurtando suas narrativas, de modo a adequá-las à sua pressa, a de seus leitores e aos

veículos em que passaram a circular, jornais diários e/ou revistas, na maior parte, semanais, publicadas nas capitais, especialmente em Buenos Aires e Montevideo.

Ambos tiveram experiência como diretor de jornais: Simões de *A Opinião Pública*, de Pelotas, Viana, de *La Prensa e La Verdad*, de Trinta y Tres. Ambos escreveram, além de crônicas e contos, peças de teatro que chegaram a ser representadas com sucesso na época.

Há quem pense que chegaram a se conhecer, senão pessoalmente, através de seus escritos, pois não apenas as revistas em que Viana publicou circulavam em Pelotas (e algumas Simões Lopes assinava), como a proximidade de Trinta e Tres e de Melo, onde Viana morou alguns anos, com a cidade de Simões, os tornaram vizinhos. É o que pensa, por exemplo, o escritor Aldyr Schlee:

Javier de Viana viveu algum tempo em Treinta y Tres e em Corrales (José Pedro Varela). Durante a “Revolução de Aparício”, em 1904, foi feito prisioneiro em Melo, conseguindo fugir para o Brasil. Já era então um escritor conhecido, tendo publicado os contos de *Campo* (1896), o romance *Gaucha* (1899) e o volume de *Gury* (1901), com uma narrativa longa e

vários contos. Colaborava em vários jornais e revistas de Montevideo e Buenos Aires. Depois fixou-se na capital argentina e, até a morte de Simões Lopes Neto (1916), publicaria ainda *Macachines*(1910), *Leña Seca* (1911) e *Yuyos* (1912), todos livros de contos, dos quais o último seria o mais divulgado.

A possibilidade de que Simões Lopes Neto tenha lido pelo menos alguns desses livros de Javier de Viana não pode ser descartada. Se é certo que o autor pelotense assinava, entre outras revistas, *Caras y Caretas* e *Mundo Argentino*, também é certo que dezenas de contos de Viana nelas aparecidos foram do conhecimento de Simões Lopes. A leitura atenta desses contos e uma releitura dos *Contos Gauchescos* constituirá, provavelmente, tarefa reveladora das fontes mais genúinas de nossa literatura regional. ( Schlee, 1969, p. 86-87).

Reiterando essa hipótese de diálogo entre os dois escritores, nem que seja apenas pela leitura dos contos de Viana por Simões, Aldyr Schlee, em

mail recente dirigido a mim, sublinha que “Envolvido na política partidária e participante como guerrilheiro das patriadas que convulsionaram o Uruguai, Viana acabou vivendo mais próximo do Brasil do que de Montevideo, seja ao se ocupar de uma estância - “Los Molles” - perto de Corrales (hoje José Pedro Varela, entre 1895 e 1904, seja dirigindo outro jornal em Treinta y Tres: La Prensa. No ataque a Melo (a 80 quilômetros de Jaguarão), sentiu-se doente e recebeu baixa do próprio Aparício Saraiva. Foi, entretanto, detido pelas forças governamentais, sob o comando do gen. Muniz; mas conseguiu fugir, só reaparecendo um mês depois, são e salvo, em Buenos Aires. Segundo as partes referentes a sua fuga, ele teria fugido para o Brasil, atravessando o rio Jaguarão. Dali para Arroio Grande e Pelotas, com parada; depois para Bagé, talvez Livramento, outra parada; e incógnito até Paysandú, para cruzar rumo à capital argentina.” (24.08.02)<sup>34</sup>

Do cotejo biográfico, o que se pode concluir é: 1. a semelhança na vida dos dois escritores pela experiência campeira, sobretudo na infância, completada com a experiência da viagem no conhecimento do pampa, e do imaginário popular, despontando nas narrativas ouvidas da boca de

---

<sup>34</sup> É curioso como os biógrafos de Viana, assim como a maior parte dos de Martín Fierro, pouco ou nada mencionam do seu exílio em terras brasileiras ou na fronteira com o Brasil.

gaúchos pobres<sup>35</sup>. 2. A identificação com os pobres, que talvez se deva em grande parte às dificuldades econômicas conhecidas na própria pele. 3. O conhecimento de parte da obra de Viana por Simões Lopes que, seguramente leu alguns de seus contos e até mesmo algo de *Gaucha*, pois o romance foi desmembrado em contos avulsos que

---

<sup>35</sup> Sobre a viagem, leia-se este trecho da auto-biografia citada de Javier de Viana: „He viajado mucho, he visto mucho, he aprendido mucho en esas universidades sin claustro ni catedráticos, y estoy convencido de que si hay en mi obra algunos adarmes de mérito ellos son producto casi exclusivo de lo que la campaña me enseñó en mi infancia y de lo que me enseñó el rodar por el mundo”. Compare-se com a este trecho de auto-biografia disfarçada que Simões Lopes embute na introdução aos Contos Gauchescos, livro de 1912:

„—Eu tenho cruzado o nosso Estado em caprichoso ziguezague. Já senti a ardentia das areias desoladas do litoral; já me recreei nas encantadoras ilhas da lagoa Mirim; fatiguei-me na extensão da coxilha de Santana, molhei as mãos no soberbo Uruguai, tive o estremecimento do medo nas ásperas penedias do Caverá; (...)

-Da digressão longa e demorada, feita em etapas de datas diferentes, estes olhos trazem ainda a impressão vivaz e maravilhosa da grandeza, da uberidade, da hospitalidade. (...)

E, por circunstâncias de caráter pessoal, decorrentes da amizade e da confiança, sucedeu que foi meu constante guia e segundo o benquisto tapejara Blau Nunes, desempenado arcabouço de oitenta e oito anos, todos os dentes, vista aguda e ouvido fino, mantendo o seu aprumo de forriell farroupilha, que foi, de Bento Gonçalves, e de marinheiro improvisado, em que deu baixa, ferido, de Tamandaré.” (Contos Gauchescos, Lendas do Sul, Casos do Romualdo, edição crítica por Ligia Chiappini, 1988, p. 33).

foram aparecendo nas revistas citadas, além de o escritor uruguaio, depois do seu terceiro livro, ter ficado muito conhecido na fronteira. Mas essas coincidências na vida implicarão, como parece pensar Aldyr Schlee, coincidências na obra? Se sim, até que ponto? É o que discutiremos brevemente na última parte deste trabalho.

## 2 As obras

A primeira diferença aqui é que Simões Lopes não escreveu nenhum romance, apenas contos, além de uma coletânea de poesia oral, *Cancioneiro Guasca* (1910). A segunda é que, ao contrário de Viana, sua obra é pequena, além desse três livros, dois publicados em vida (*Contos Gauchescos*, 1912, *Lendas do Sul*, 1913) e um publicado apenas na década de 50, quando seu primeiro biógrafo, Carlos Reverbel, o retirou das páginas do jornal em que jaziam: *Casos do Romualdo*. Outro livro inédito, descoberto nos baús de sua viúva, D. Velha, apareceu também nessa época, mas incompleto, faltando o segundo volume: *Terra Gaúcha*, um livro de história e não de contos. Dessa obra pequena, Simões Lopes não costumava desmembrar pedaços nem refazê-los e republicá-los como era usual no caso de Javier de Viana. Pode ser que, por isso mesmo, seus contos, quando considerados prontos, estavam prontos mesmo, do que resultaria a sua superioridade literária em relação aos contos do escritor uruguaio.

Tal juízo crítico, que assumo explicitamente aqui, espero poder fundamentar minimamente a seguir.

As semelhanças entre as obras dos dois escritores são inegáveis, principalmente, na temática. Os contos de Simões, tais como os de Javier de Viana, falam de: o pampa e suas guerras, seus caudilhos, os costumes do gaúcho, do churrasco, do mate amargo, do convívio íntimo com o cavalo e o gado, das conversas, jogos e brigas nos boliches (pulperias) ou nas carreiras, da solidão dos pampas, de taperas e glórias passadas. E, no meio disso tudo, os amores, os ciúmes, as vinganças, os encontros e desencontros entre homens e mulheres, negros e brancos, terrunhos e gringos.

Além da semelhança temática, há a semelhança no que diz respeito ao contexto geral ao qual se referem esses contos:

"O meio século no qual se dá a transição de uma sociedade basicamente rural para outra focalizada nas cidades e nas indústrias que nascem ao redor delas e ao mesmo tempo as fazem crescer". O escritor seria ainda, nos dois casos, "testemunha fiel, triste mas insubornável, do abandono não apenas de um modo de produção como também de uma forma de vida, de uma escala de valores e de uns padrões de conduta que tinham sinalizado (signado) a vida das grandes maiorias nacionais (no caso Uruguai), regionais (no caso brasileiro) desde a independência e mesmo antes

dela”. (Barros-Lémez, “Introducción” de *La obra cuentística de Javier de Viana*, Libros del Astillero, Montevideo, 1985, p. 7)

É certo também que os dois escritores, formados respectivamente, no clima intelectual do chamado modernismo hispanoamericano e do chamado parnasianismo brasileiro, conseguem uma simplicidade nas suas narrativas, que não era própria dessas tendências, inovando e antecipando a liberação estilística das vanguardas dos anos vinte, que lutam explicitamente contra essa tradição retórica e beletrística. Também aí tenho que concordar com Aldyr Schlee, quando diz, no texto citado, p. 85:

A prosa de Simões Lopes Neto, como a de Javier de Viana (...) emancipa a narrativa “criolla”, supera o regionalismo imediatista e anedótico, diminui a distância entre a língua escrita e falada. Por um lado, ultrapassa o verismo realista e o cientificismo naturalista; por outro, dispensa, sem exagero formal, o excesso de verbalismo e os lugares-comuns do romantismo.



Mas, se formos cotejar de perto os contos, notamos grandes diferenças entre os dois escritores. Para uma argumentação convincente, precisaríamos mais tempo e mais espaço, mais paciência (mercadoria rara nos dias que correm). Por isso limito-me aqui a fornecer a seco algumas conclusões do cotejo que estabeleci entre alguns contos de Javier de Viana, dos seus três primeiros livros, anteriores à morte de Simões e de fragmentos do romance *Gaucha*, com alguns contos do escritor brasileiro.

A releitura comparativa de contos - como “No manantial”, “Os cabelos da China” e “Jogo de Osso” , paralelamente a “Se me fué la mano”, “Ceibal” e “Facundo Imperial”, onde se coloca a violência do macho contra a mulher; O anjo da vitória e Duelo de Farrapos, cotejado a La junta de Uruboli ou Ultima Campaña, sobre as guerras do Pampa e seus caudilhos; “Penar de velhos” e “Contrabandista”, cotejados a “La estancia de Don Tiburcio” ou “Clavel del Aire” ou “Soledad”, sobre os velhos, sem mais tempo e lugar num mundo transformado pelas guerras e pelos ventos da modernização; alguns contos de “La Biblia Gaucha”, cotejados a “Artigos de fé do gaúcho”, sobre a filosofia do gaúcho pobre - evidencia que, se há semelhanças temáticas e contextuais, as diferenças são profundas, porque são diferenças propriamente literárias: de técnica, de estilo, de tom

e de ritmo. Delas resulta uma diferença fundamental de visão do mundo gaúcho. No caso de Javier de Viana, mais exterior, mais amarga e pessimista. No caso de Simões Lopes, mais interna ao mundo criado, mais compreensiva e mais identificada com o mundo que quer expressar.

Quando falo de diferença técnica, refiro-me sobretudo ao foco narrativo adotado. Enquanto as narrativas de Javier de Viana são em terceira pessoa, narrando os atos e pensamentos de seus personagens desde fora, embora haja tentativas de indireto livre. A voz direta desses personagens aparece apenas nos diálogos, que não são muitos. Já Simões Lopes Neto se afasta e deixa o seu personagem, gaúcho pobre, ex-soldado, Blau Nunes, narrar os seus causos, enquanto guia um interlocutor presente mas mudo (que representa o autor mas também nos representa a nós, leitores) pelos campos de um Rio Grande transformado, recordando histórias que testemunhou e que agora “estende ao sol, para arejar”, como “roupas guardadas ao fundo de uma arca”. (Contos Gauchescos, p. 34).

Javier de Viana parece ter estado ao ponto de ceder a voz para o gaúcho narrador, mas, como reconhece no prefácio a uma reedição de seu romance *Gaucha*, perdeu essa oportunidade sem saber por quê. Falando de uma visita que fez à fazenda de um amigo, dez anos antes, conta ter

ouvido de um gaúcho uma história impressionante, narrada com uma vivacidade notável e se pergunta:

“Por qué no utilicé nunca la narración del viejo paisano, aquella historia que tanto me seducía y que no se borraba de mi mente? No sé explicarlo?”. (P. 6)

O achado técnico de Simões leva a achados estilísticos decisivos, de um discurso que, através da letra, mas contra ela, recupera a dinâmica e a musicalidade da voz. Ao escolher Blau Nunes para rememorar o passado e refletir sobre o presente, Simões Lopes vai coerentemente subverter tanto a linearidade da narrativa, quanto a lógica racionalista que vê nas crenças do povo meras superstições de gente ignorante, como ainda a lógica da frase escrita e culta. A relação de Blau com a palavra é tão problemática como a sua relação com o dinheiro e com deus, oscilando sempre entre o respeito ao uso que a sociedade faz deles e a desconfiança de que existe talvez a luta dos contrários: da sociedade baseada na propriedade privada, com a sociedade comunitária; do Deus unicamente bom, com os deuses ambivalentes das religiões indígenas ou afro-brasileiras; da palavra-signo que traz a marca da separação, com a palavra-coisa; da ordem aparente do mundo visível e palpável, com um mundo outro, onde convivem os mistérios do dia e da noite.

Por isso não encontramos em Simões Lopes a visão do gaúcho como bárbaro, à la Sarmiento, o

que muitas vezes aparece nos contos de Javier de Viana. Por isso também não o vemos como primitivo, no sentido de atrasado, nem aparecem nos contos do escritor brasileiro, personagens, defendendo a modernização e a transformação do gaúcho bárbaro em trabalhador civilizado, como, apesar da crítica que Viana faz ao processo de modernização, aparece explicitamente em alguns contos de Javier de Viana, entre os quais, “El muerto recalcitrante”.

O cotejo que empreendi, pelo menos até agora, apenas me levou a confirmar a conclusão que já externara no meu livro *No entretanto dos tempos: literatura e história em João Simões Lopes Neto* (1983): que o diálogo com o Prata na obra deste se faz sobretudo com a tradição da gauchesca em verso, sobretudo com *Martín Fierro*, de José Hernández, além de, naturalmente, com os autores que registraram os mitos, superstições e lendas do Rio da Prata, que serviram de fonte escrita para completar as fontes orais de Simões Lopes, autor das Lendas do Sul.

Aliás, nesse sentido, Aldyr Schlee concorda comigo quando admite:

O *Martín Fierro*, até hoje, é livro do qual os fronteiriços sabem trechos de cor; é livro que ainda pode ser visto sozinho sobre os aparadores, na entrada das estâncias,

como objeto de culto, na sua versão original em espanhol. Por isso que se pode ter uma certeza: na época de João Simões Lopes Neto, o difícil não era conhecer o Martín Fierro, mas ignorá-lo. (ob. Cit. p. 84)

Aldyr Schlee chega mesmo a considerar Blau Nunes, o personagem narrador dos *Contos Gauchescos*, cuja voz também ecoa no estilo indireto-livre das Lendas do Sul, uma síntese dos gaúchos de Lussich (*Los tres gauchos orientales*), que , por sua vez seriam arquétipos de Martín Fierro. Pois eu diria que, se assim é, Blau é o próprio gaúcho fronteiriço. Inclusive fala como tal, na medida em que seu “vivo e pitoresco dialeto gauchesco” (*Contos Gauchescos*, p.33) está eivado de hispanoamericanismos. O inverso (isto é: brasilianismos) não parece ocorrer na narrativa de Javier de Viana, ou melhor ocorrem umas poucas palavras, quando falam diretamente os raros personagens brasileiros que atravessam seus contos, sobretudo aqueles que narram corridas de cavalos.<sup>36</sup> No que diz respeito às fronteiras e ao pampa, concebido como comarca cultural para além dos limites geo-políticos e lingüísticos, Simões Lopes é, de fato, mais atento. Ele se

---

<sup>36</sup> É o caso da novela „Guri”, onde aparece uma palavra—ninguém-- e do conto „En Familia”, em que aparecem duas curtas frases em português.

percebe como escritor fronteiro. Tanto é assim que se utiliza não apenas de expressões e palavras uruguaias, como também de mitos e lendas registradas em livro por estudiosos riopratenses como é o caso, entre outros, de Daniel de Granada (*Supersticiones del Rio de la Plata*, 1896). A percepção de que tanto a cultura quanto a história riograndense não se explicam somente pela tradição luso-brasileira fez também com que o escritor brasileiro, nas suas incursões pela historiografia, não se limitasse às fontes nacionais, mas utilizasse largamente uma bibliografia uruguaia e argentina, que lhe permitiu ir além da visão unilateral, lusitana e paulista (como a representada por José Feliciano Fernandes Pinheiro, o célebre Visconde de São Leopoldo (1774-1847)).

Assim, este diálogo hipotético entre Javier de Viana e João Simões Lopes Neto, o que parece indicar é a necessidade de renortear a pesquisa, comparando seus contos com os de outro escritor contemporâneo de ambos: Alcides Maya, pois esse sim tem, como o escritor uruguaio, o que poderíamos chamar de a obsessão da tapera e da ruína, vendo o mundo do gaúcho, também desde fora, como um mundo bárbaro, em extinção, e a exclusão do gaúcho pobre, talvez, como um preço a

pagar, embora terrível, inevitável, para entrar na era da civilização.<sup>37</sup>

Neles o subalterno, apesar de toda a simpatia que possam demonstrar por ele, tem a palavra embargada por um dialeto que acaba sendo expressão da barbárie, em face da escrita correta do narrador em terceira pessoa. Em Simões Lopes, como em Hernández, ao contrário, o subalterno recupera a voz, porque essa voz é construída poeticamente num discurso que não opera com a ruptura caricatural entre o culto e o popular, o oral e o escrito. Trata-se de um discurso artificial porque literário, pelo qual, paradoxalmente, o gaúcho pobre e iletrado pode falar e fala tanto à sensibilidade de outros subalternos (quando os contos lhes são lidos em voz alta, como se afirma que ocorria no caso das narrativas simonianas) quanto à nossa sensibilidade, de homens e mulheres da cidade e da letra.

## BIBLIOGRAFIA

---

<sup>37</sup> Pronto este trabalho, mas ainda em fase de revisão, chegou-me às mãos, gentilmente enviado pela autora, o interessante e bem fundamentado texto de Sabine Schlickers intitulado „La novelística naturalista-criollista uruguaya: Bebe, de Carlos Reyles y Gaucha, Campo y Gurí, de Javier de Viana” (v. bibliografia), onde fica evidente o cientificismo que embasa a visão determinista de Javier de Viana, que também por aí se aproxima muito da de Alcides Maya.

## **1. Obras de João Simões Lopes Neto e de Javier de Viana**

Javier de Viana (somente os três primeiros livros de ficção):

*Campo, escenas de la vida de los campos de América* (1896), Madrid, América, s.f. Edição utilizada aqui: 2a. ed. A. Barreiro y Ramos Editor, Montevideo, 1901.

*Gaucha* (1899/19010. Edição utilizada aqui: 2a. ed. A. Barreiro y Ramos Editor, Montevideo, 1901.

*Gurí y otros cuentos* (1901), A. Barreiro y Ramos Editor, Montevideo, 1901.

João Simões Lopes Neto (somente os dois primeiros livros de ficção):

*Contos Gauchescos* (1912), Echenique, Globo.

*Lendas do Sul* (1913), Echenique, Globo.

Edição utilizada aqui: *Contos Gauchescos, Lendas do Sul e Casos do Romualdo*, edição crítica, estabelecimento de texto, introdução e notas de Ligia Chiappini, Ed. Presença/INL, Rio de Janeiro, 1988.

## **2. Geral**

AMERICA. Cahiers du CRICCAL (Centre de Recherces Interuniversitaire sur les Champs Culturels en Amerique Latine) "Le gaucho dans la littérature argentine" in:, Presses de la Sorbonne Nouvelle, Paris III., Paris, 1992.



ANDERSON-IMBERT, Enrique. *Historia de la literatura hispanoamericana*, vol. I, México-Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1954.

BARROS-LÉMEZ, Álvaro. *La obra cuentística de Javier de Viana*, Montevideo, Arca (Libros del Astillero), 1985.

CANDIDO, Antonio. “Visões Radicais do Brasil e de América Latina”. In: *Teresina etc.* Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1980.PP.83-95.

-- “Literatura e Subdesenvolvimento”, in: *A educação pela noite e outros ensaios*, Ática, São Paulo, 1987. (primeira edição, 1970)

CÉSAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*, Livraria do Globo, Porto Alegre, 1956.

\_\_\_\_\_. “Para o estudo do conto gauchesco”. In: *Correio do Povo, Caderno de Sábado*, Porto Alegre, 17-02-1973.

CHIAPPINI, Ligia (Moraes Leite). *Modernismo no Rio Grande do Sul: materiais para o seu estudo*. São Paulo, IEB/ USP, 1972.

\_\_\_\_\_. *Regionalismo e Modernismo: o “caso” gaúcho*. São Paulo, Ática, 1978.

\_\_\_\_\_. *No entretanto dos Tempos, Literatura e História em João Simões de Lopes Neto.*, Martins Fontes, São Paulo 1998.

\_\_\_\_. "Velha praga? Regionalismo literário no Brasil" in: Pizarro, Ana (org.). *Palavra, Literatura e Cultura* (2o. vol.). Campinas, Editora da Unicamp; São Paulo, Memorial da América Latina, 1994.

CORONA, Ignacio. "Vecinos distantes? Las agendas críticas posmodernas en Hispanoamérica y el Brasil". In: Revista Iberoamericana, vol. LXIV, Núms. 182-183, Enero-Junio, 1998, pp. 17-38.

COSTIGAN, Lúcia Helena (dir), *O Brasil, a América Hispânica e o Caribe: Abordagens Comparativas*. Revista Iberoamericana, vol. LXIV, núms. 182-3, Enero-Junio 1998.

DINIZ, Carlos Francisco Sica. *João Simões Lopes Neto, uma biografia*, 2002, inédito.

DUARTE, Marcia Lopes. Literatura e identidade na América Latina: dois casos paradigmáticos. Simões Lopes Neto e Jorge Luis Borges. Tese de Mestrado, Porto Alegre, UFRGS, 1995.

*FRONTIERES DU LITTERAIRE: Littératures orale et populaire. Brésil/France. Actes du Colloque Approches Croisées des Littératures Populaire et Orale*, Lisbon, Limoges, 1994; Pulim, 1995. Sous la direction de Zilá Bernd et Jacques Migozzi..

*HAUPTWERKE der lateinamerikanischen Literatur*, Kindlers Literatur Lexikon, Kindler Verlag, München, 1995.

LÓPEZ, Amado. „La notion de frontière”, 1992. in: *América*, Cahiers du Criccal, deuxième série, Presses de la Sorbonne Nouvelle, Paris III, Paris 1992, p. 8.

LOPES NETO, João Simões. *Cancioneiro Guasca*. Ed. Globo, Porto Alegre, 1960.

LOSADA, Alejandro. ”Como puede un europeo estudiar la literatura latinoamericana” in: *Cahier du Monde Hispanique et Luso-Bresilien - Caravelle* 45. Toulouse, 1985, pp. 37-46.

\_\_\_\_\_. “*Martín Fierro, Expresión cultural y manifestación existencial*”. In: Hernández, Martín Fierro, Ediciones Nauta, Barcelona, 1968. Pp. 20-65.

\_\_\_\_\_. “La literatura marginal en el Rio de la Plata”, informe de investigación, Inédito. Archivo Losada, LAI- Berlin., s.d.

\_\_\_\_\_. “*La historia social de la literatura latinoamericana*”. In: Bremer, Thomas y Losada, Alejandro (ed.). *Actas del 1º Congreso Anual Giessen, mayo de 1983 y 2º Congreso Anual Nauchâtel, junio de 1984, Hacia una historia social de la literatura latinoamericana*. AESAL, Giessen, 1985, pp. 59-74.

LUDNER, Josefina. *El Genero Gauchesco. Un Tratado sobre la Patria*. Sudamericana, Buenos Aires, 1988.

MASINA, Léa. “Alcides Maya, C yro Martins e Sergio Faraco”, comunicação apresentada no Seminário internacional “Cultura Fronteira/Cultura Fronteriza: Brasil, Uruguay e/y Argentina, 02.07.2002, Berlim, coordenado por Ligia Chiappini, Maria Helena Martins e Friedhelm Schmidt-Welle. (Inédito, a sair brevemente no livro: *Pampa e Cultura: de Fierro a Netto*, org. Ligia Chiappini, Maria Helena Martins e Sandra Pesavento).

RAMA, Angel. ”El Sistema Literario de la Poesía Gauchesca” in: *Poesía Gauchesca*. Caracas, Biblioteca Ayacucho, s.d.

\_\_\_\_. Los gauchopolíticos Rioplatenses, Literatura y Sociedad. Calicanto, Buenos Aires, 1976.

\_\_\_\_. *Transculturación narrativa en América Latina*, Siglo XXI, México, 1982..

ROCCA, Pablo. *História de la Literatura Uruguaya Contemporánea*. Ediciones de la Banda Oriental. Montevideo, 1996.

RÖSSNER, Michael. (hrsg.), *Lateinamerikanischen Literatur Geschichte*. J.B. Metzler Verlag, Stuttgart, 1995.

SCHLEE, Aldyr. “Simões Lopes Neto e a Literatura dos povos platinos”. In: *Letras de Hoje*, n°77, Setembro de 1989. PUC do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1989. Pp. 77,88.

SCHLICKERS, Sabine. “La novelística naturalista-criollista uruguaya: Beba de Carlos Reyles y Gaucha, Campo y Gurí, de Javier de Viana.” In: *Arrabal* (4). Asociación Española de Estudios Literarios Hispanoamericanos, 2002, p. 177-190.

SCHWARTZ, Jorge. “Abaixo Tordesilhas”. In: *Revista de Estudos Avançados*, 7/17, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993, pp. 185-200.

SILVA, João Pinto da. *História Literária do Rio Grande do Sul*. Globo, Porto Alegre, 1924.

SLATTA, Richard W. *Los Gauchos y el ocaso de la frontera*. Sudamericana, Buenos Aires, 1985.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Can the subaltern speak?* Speculations on widow sacrifice, *Wedge* (7) 8 (Winter/Spring). Cited in Ashcroft et al. *The Post-Colonial Studies Reader*, Routledge, London, 1995.

## NO PRINCÍPIO FEZ-SE A OBRA: O DESCOMEÇO DE *CONTOS GAUCHESCOS*

Flávia Brocchetto Ramos (UCS)

João Claudio Arendt (UCS)

### **1 Antecedentes**

O Regionalismo é uma qualidade ou um defeito da arte literária. No caso de Simões Lopes Neto, especialmente em relação à obra *Contos gauchescos*, publicada em 1912, o caráter local torna-se, em princípio, um empecilho para a sua divulgação, posto que a representação dos valores e da linguagem gaúchos desqualifica a obra. Mais tarde, porém, com o reconhecimento do livro pela crítica gaúcha e brasileira, tais defeitos transformam-se em qualidades que justificam sua inserção no circuito literário. Somente na década de 40 nasce a obra, em virtude de que há leitores capazes de compreendê-la.

O conceito de espaço pauta-se nas relações estabelecidas com o meio em que os indivíduos vivem. Assim, o espaço particularizado configura-se como o lugar de experiências particulares. Tal aspecto é um dos elementos da ficção, já que a narrativa se concretiza em um cenário peculiar. O lugar selecionado pelo narrador pode ser próximo das suas vivências ou configurado apenas pela imaginação do narrador e, posteriormente, do

leitor. Ítalo Calvino, por exemplo, põe em prática tal situação em *Cidades invisíveis*, cujo narrador revela diversos ambientes através de um plano ficcional. A viagem do narrador protagonista pode ser tão ousada a ponto de dar a volta ao mundo em 80 dias, como Phileas Fogg, personagem de Júlio Verne. Essas obras conquistam leitores de diferentes tempos e espaços, tanto pela proposta narrativa, como pelos cenários que não se restringem a um lugar particular.

## **2 A apresentação de *Contos gauchescos***

Há, porém, uma vertente de prosadores que se centra nos matizes do meio em que vive. Na literatura gaúcha, quem primeiro constrói tal proposta com maestria é Simões Lopes Neto, ao apresentar a sociedade sulina com contos peculiares, no cenário ficcional, posto que das personagens sobressaem traços dos povoadores do solo sul-rio-grandense. No entanto, os críticos gaúchos não gostam da caracterização realizada pelo escritor e muitas críticas depreciativas surgem, colocando sua obra num arcabouço de textos que devem ser apagados da memória, em virtude de que revelam aspectos a serem esquecidos. O padrão de gaúcho, destacado por Simões, opõe-se ao modelo romântico ainda em voga no começo do século XX.

O demérito da proposta do escritor já se evidencia, quando é publicado o primeiro livro de Simões Lopes, *Cancioneiro guasca*, em 1910. Na

ocasião, o jornal *A Federação*, de Porto Alegre, posiciona-se da seguinte maneira:

Todos os povos possuem trabalhos de gênero semelhante, a título de documentação histórica. A poesia popular é o reflexo da índole e dos costumes da época que abrange, e só por esse título têm algum valor. A coletânea publicada por Simões Lopes Neto é a mais abundante que conhecemos e reúne um sem-número de trovas contemporâneas do tipo findo do gaúcho rio-grandense (...). Em suma, o *Cancioneiro* tem o interesse histórico, e o Sr. Simões Lopes Neto, que com essa publicação não teve, de certo, a menor intenção de fazer obra de literatura<sup>38</sup>.

Considerando que uma obra dificilmente se sustenta por si mesma, exceto se pertencer a um escritor já respeitado, como esperar que o ficcionista pelotense conseguisse ter sua narrativa reconhecida no circuito literário e, conseqüentemente, pelos leitores locais? Os literatos da época afirmam que os textos simonianos não pertencem ao acervo literário, e os historiadores também não acreditam que eles digam

---

<sup>38</sup> *A federação*. Porto Alegre, 9 de agosto de 1910.



respeito ao seu domínio, por não serem organizados dentro dos padrões da pesquisa histórica, que na época seguiam paradigmas positivistas.

Outro caminho não há para *o Cancioneiro guasca*, senão cair no esquecimento. Algo semelhante acontece com *Contos gauchescos*, editado em 1912 e dedicado à memória do pai do autor. A obra, composta por dezoito contos, é antecedida por uma espécie de introdução, na qual um narrador em terceira pessoa apresenta Blau Nunes aos leitores.

Augusto Meyer<sup>39</sup>, nos anos quarenta, descreve essa primeira edição em formato de bolso: “Dois grampos enormes, cheios de ferrugem. O frontispício, uma obra-prima de mau gosto. O título composto num arremedo de gótico. E um tímido subtítulo: *Folk-lore regional*”. Em 31 de janeiro de 1965, Carlos Reverbel, ao noticiar a edição de bolso dos *Contos gauchescos* e *Lendas do Sul*, na Coleção Catavento, da Globo, afirma que o formato de bolso, antes de sua invenção como moderno recurso editorial, teve na Livraria Universal, de Echenique & Cia., o seu pioneirismo. Apesar das deficiências gráficas, foi nesse formato que Simões Lopes estreou, em 1912, com *Contos gauchescos*.<sup>40</sup> Entretanto, na época da primeira

---

<sup>39</sup> MEYER, Augusto. *Prosa dos pagos*. São Paulo: Martins, 1943. p.9-10.

<sup>40</sup> REVERBEL, Carlos. A edição do centenário. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 31 jan. 1965.

publicação dessa obra, *A Federação* volta a criticar o modo como Simões pretende fazer literatura:

(...) contendo contos narrados à feição da gente do campo, num Rio Grande já remoto, sobre assuntos característicos dessa gente, hoje quase extinta entre nós. Por esse gênero de literatura muito restrito, todo especial e pouco interessante, no estado atual de nossa cultura e da transformação completa por que passam os costumes rio-grandenses (...) discordamos da opinião de que a vulgarização de tal literatura tenha qualquer fim de utilidade real, quer quanto ao conhecimento dos costumes da época, quer quanto ao enriquecimento de nosso insignificante patrimônio intelectual. Este, pelo contrário, só terá a perder com o cultivo de uma linguagem rebarbativa, viciada, cheia de plebeísmos, por vezes malsoantes e até inconvenientes, que, mesmo os pouquíssimos gaúchos autênticos que ainda existem em algum rincão esconso do estado, só empregam com grande modificação.<sup>41</sup>

Com essa recepção, a obra não é devidamente apreciada, nem mesmo divulgada positivamente. Só bem mais tarde ela vai ser

---

<sup>41</sup> *A Federação*. Porto Alegre, 1 de outubro de 1912.

reconhecida pelos círculos literários, quando no centro do País surgem publicações como *Macunaíma*, onde a oralidade também se faz presente. O lugar de Simões Lopes, como precursor na inserção do coloquialismo na literatura e na mimetização dos costumes locais, é por muito tempo ignorado.

Apenas em 1926, *Contos gauchescos*, juntamente com *Lendas do Sul*, é publicado por uma editora da capital gaúcha, ultrapassando os limites do município de Pelotas. Isso já é uma vitória, porque a obra do regionalista cruza a primeira fronteira: sai de sua terra natal e encontra ressonância entre os letrados da Província, com a publicação por uma editora de destaque, a Globo.

No entanto, Simões, atinge a consolidação efetiva apenas em 1949<sup>42</sup>, quando a Globo, inaugurando a Coleção Província, republica os *Contos gauchescos e lendas do Sul*, numa edição crítica de luxo, com introdução, variantes, notas e um glossário de mil palavras, elaborado por Aurélio Buarque de Hollanda. O prefácio, de Augusto Meyer, reproduz, integralmente, o primeiro capítulo do seu livro *Prosa dos pagos*, de 1943. Já no posfácio, a cargo de Carlos Reverbel, intitula-se "Esboço biográfico em tempo de

---

<sup>42</sup> LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e lendas do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1949. 414p. (Coleção Província, 1).

reportagem"<sup>43</sup>. Nele, o autor afirma, em breve nota, que "todo material informativo que se contém nestas páginas foi diretamente recolhido em Pelotas, onde J. Simões Lopes Neto fez a sua vida literária - em demorada pesquisa de reportagem junto às fontes ligadas ao escritor sul-riograndense". Uma particularidade dessa edição é a inclusão do conto "O menininho do presépio", ausente nas anteriores<sup>44</sup>.

Nota-se aqui a importância da mediação<sup>45</sup> para que a obra seja entendida. Aqueles que conhecem o linguajar a repudiam, e os que desconhecem não a decifram. Para que o público em geral, de outros locais, conheça e respeite a obra, torna-se necessária uma orientação que

---

<sup>43</sup> Alguns trechos do posfácio foram, anteriormente, publicados na revista *Província de São Pedro*, n.2, set. 1945.

<sup>44</sup> Esse texto deveria compor uma segunda série de *Contos gauchescos*, inacabada com a morte prematura do autor. Publicado no jornal *A opinião pública*, em 25 de dezembro de 1913, foi localizado por Reverbel nos anos quarenta e inserido na edição de 1949.

<sup>45</sup> A mediação pode ser feita por pessoas que tenham autoridade sobre o assunto ou por outros meios, como a editora. Na atualidade, a editora é um traço que já sinaliza a qualidade da obra. É difícil, por exemplo, que um autor consiga ser respeitado no circuito literário com uma publicação independente. Já se editar pela Companhia das Letras, olha-se para a produção com um certo respeito, posto que ela passou por um crivo de seleção. Quando a obra simoniana foi publicada pela Globo, de certa forma, ganhou o reconhecimento não obtido pela primeira edição, de Pelotas.

ilumine o texto. Nesse caso, o primeiro passo é a constituição de um glossário e de notas para auxiliar no entendimento do leigo. A crítica atua, pois, como um roteiro, uma orientação na recepção do livro e na formação de um público leitor, capaz de compreendê-lo. Os críticos percebem que, devido às marcas locais desses contos, é necessário que se faça uma mediação para serem aceitos pelo público leitor.

A inserção do glossário permitiria que a obra fosse conhecida também pelo leitor que não domina a linguagem regionalista gaúcha. Pode-se destacar, entre muitos termos, algumas palavras e expressões regionais, como *guaiaca empanzinda*, *sesteada murruda*, *encilhei o zaino*, *jararaca na ressolana* e *taura*. Há associações inusitadas, como o modo de referir-se ao cavalo, chamando-o apenas pela cor do pêlo, zaino – que significa marrom. As figuras de linguagem empregadas pelo narrador, muitas vezes, são opacas para o público em geral e precisam ser explicadas<sup>46</sup>.

---

<sup>46</sup> No ano de 99, foram realizadas pelas professoras Angela Cogo Froncoviak e Flávia Brocchetto Ramos oficinas de leitura de texto literário com professores da rede pública da região do Vale do Rio Pardo - RS. Na ocasião, optou-se por explorar um escritor gaúcho e elegeu-se Simões. Surpreendentemente, embora os docentes vivessem no RS, foi necessária a inserção de um glossário e a mediação dos docentes organizadores dos encontros, para que contos como “Correr eguada” e “O mate do João Cardoso” fossem apreciados pelos professores.

Antes da edição luxuosa de 1949, Carlos Reverbel, o biógrafo de Simões, publica um texto, denominado “Esboço biográfico em tempo de reportagem”, na *Revista Província de São Pedro*, de Porto Alegre, destacando algumas qualidades da obra simoniana. Todavia, se a crítica inicial centrava-se na depreciação da obra e na ênfase aos defeitos de Simões como indivíduo, Reverbel debruça-se especialmente na valorização do homem e, conseqüentemente, da obra. Ele ressalta, em princípio, que o escritor “já está definitivamente situado dentro do regionalismo sul-riograndense”<sup>47</sup>. Tal afirmação baseia-se no pressuposto aristotélico que define literatura como a representação de ações humanas possíveis, centrada em elementos como mímese e verossimilhança. O crítico ressalta que, ao ler Simões, sente-se “nele, como em nenhum outro, a voz inconfundível do campeiro sul-riograndense falando pela boca de Blau Nunes, ...”<sup>48</sup>. A obra é tão verossímil, que o tom do narrador chega a confundir-se com “a própria voz do nosso folclore”, nada apresentando “que não venha

---

<sup>47</sup> REVERBEL, Carlos. Esboço biográfico em tempo de reportagem. In: *Revista Província de São Pedro*. V. 02, p 78, disponível em [http://ipct.pucrs.br/cgi-bin/letras/1...=Provincia\\_de\\_Sao\\_Pedro&volume=2&sessio...](http://ipct.pucrs.br/cgi-bin/letras/1...=Provincia_de_Sao_Pedro&volume=2&sessio...)

<sup>48</sup> *Ib. id.*

sequer lembrar a figura encontradiça, mas sem maior expressão do gaúcho convencional”<sup>49</sup>.

Tão bem iniciada, a análise de Reverbel desloca-se da obra para a vida do escritor sul-riograndense, buscando as origens que podem justificar as características encontradas na produção ficcional. A crítica anterior, que denegria o escritor, e a de Reverbel centram-se, principalmente, na vida de Simões e não nas qualidades ou defeitos de sua produção. O biógrafo, no entanto, avança e consegue apontar qualidades estéticas do regionalista.

### **3 A reconstrução da boa-imagem de Simões Lopes**

Investigando fontes orais e escritas, Reverbel traçou uma biografia sentimental de Simões Lopes e mostrou ao leitor um sujeito bom, gentil e amável para com amigos e familiares. Essas virtudes, aliás, haviam sido obscurecidas pela sucessão de empreendimentos comerciais e industriais frustrados, e pelo seu envolvimento com mazelas sociais, de modo que em torno do escritor criou-se uma imagem de caipora, de maldito e de boa-vida. O pesquisador traz à tona os fracassos de Simões, mas os reescreve de forma a sentir-se uma certa afeição pelo escritor e a entender os motivos que o levaram à ruína financeira.

---

<sup>49</sup> Ib, p 79.

Quem já se dedicou ao estudo da obra simoniana sabe que, em Pelotas, entre as pessoas mais antigas, reinou durante muito tempo um espírito de maledicência em torno desse cidadão e da livraria Echenique, a qual editou, pioneiramente, *Cancioneiro guasca* (1910), *Contos gauchescos* (1912) e *Lendas do Sul* (1913). Mencionados os nomes do escritor e da editora, costumava-se bater três vezes na madeira para afastar os maus fluídos...

Reverbel empenhou-se, a partir de 1945, em desconstruir a imagem negativa e, como já se disse, apresentar um Simões Lopes mais humano, inclusive voltado à denúncia e solução de problemas sociais da vida pelotense. Como exemplo desse percurso de resgate da imagem do escritor, convém citar um dos mais belos retratos físicos e psicológicos do ficcionista, feito em 1945, na segunda reportagem do pesquisador à *Revista do Globo*:

Pendurado numa das paredes da salinha acolhedora e cheia de calor humano, o santo da casa – J. Simões Lopes Neto, naquele retrato tão conhecido: fisionomia cansada, mas harmoniosa e mansa, sem arestas de amarguras; olhar de quem muito sonha, perdido, lá longe, nas distâncias do ideal, apesar do estrabismo bem acentuado e desfigurador; barbicha discreta e



rala, em forma de cone, toda salpicada de branco, e aquela cabeleira pouco abundante, porém esparramada em novelos grisalhos, circundando uma fronte não muito aberta, de austeridade sem asperezas. Ali estava a imagem de um homem que viveu intensamente e intensamente sofreu; encanecido, gasto, quase no ano da morte, com a maior parte dos sonhos extraviados – mas ainda aí compassivo e sem ressentimentos, como o foi João Simões até o último dos seus dias.

Dona Velha levanta os olhos para a fotografia, com enternecedora naturalidade, como deve fazer todos os dias, há tantos anos; então, admirando a cena, penso numa legenda de Castro Alves para aquela moldura:

*Tu és a única luz da treva em meio,*

*Tu és a minha estrela do sol posto...*

50

Como se vê, a carga de adjetivos presente nessa passagem forma um retrato que se contrapõe à imagem negativa do escritor. A fisionomia, embora cansada e austera, é descrita de maneira harmoniosa e mansa, sem marcas de amargura ou

---

<sup>50</sup> *Revista do Globo*, 25 ago. 1945, p.30.

aspereza. Reverbel resgata, em suma, “a imagem de um homem que viveu intensamente e intensamente sofreu”, um homem encanecido, gasto, com a maior parte dos sonhos extraviados, mas sempre “compassivo e sem ressentimentos”.

Ao contrário, também, do que se afirmava sobre a relação conjugal de Simões Lopes e dona Francisca Meireles – a qual seria chamada de “meu Bismarck”<sup>51</sup> pelo marido –, Reverbel eleva o escritor à condição de “santo da casa”. Ainda na passagem acima, com um lance poético magistral, o jornalista afasta todas as possíveis querelas entre ambos, colocando o escritor como a única luz a brilhar na treva em que se encontrava a viúva. A treva, nesse caso, pode ser interpretada de duas maneiras: por um lado, representando a penúria econômica em que mãe e filha se encontravam na época; por outro, simbolizando a indigência completa da família de um grande escritor regionalista brasileiro.

Afastando, também, a imagem de um homem rude e sem erudição, Reverbel descreve Simões Lopes como um sujeito urbano e polido, apesar dos muitos anos passados no campo, durante a infância. Da mesma forma, o fato de ter sido um “homem de

---

<sup>51</sup> Otto Von Bismarck, o chanceler de ferro, foi o estadista mais importante da Alemanha do século XIX. Para formar a unidade alemã, Bismarck desprezou os recursos do liberalismo político, apostando numa política de força (dita de sangue e ferro).

pouca sorte”, às vezes reservado e distante, não o impediu de ser um companheiro afetuoso, um cidadão dedicado, cheio de finura e delicadeza.

Caipora ou não, Simões Lopes sujeitava-se com serenidade e bravura aos insucessos de ordem material ou prática, retirando de cada derrota uma importante lição de vida. Nessa perspectiva, conforme Reverbel, a “falta de sorte” resultava de uma incompatibilidade entre o seu feitio de artista e as naturais injunções do mundo dos negócios. Por isso, a busca permanente de uma estabilidade econômica, jamais atingida, também poderia “significar inquietação criadora”. Nesse caso, a obra ficcional simoniana seria fruto, mais ou menos direto, da personalidade inquieta do cidadão Simões Lopes. O ato de criar estaria intimamente relacionado com o modo de ser e agir do escritor, ou seja, imbricado com sua trajetória de vida pessoal.

Em “Esboço biográfico em tempo de reportagem”, de 1945, Reverbel, contrariando versões anteriores, apresenta um depoimento colhido junto à viúva Francisca Meireles, bastante significativo do ponto de vista da conduta diária do escritor:

Ele era uma criatura sempre de boa paz. Embora não fosse ruidoso, era cheio de vida, gostando muito de assuntos divertidos. Comentava entre boas

risadas as coisas engraçadas que aconteciam na cidade. No mais, fora do trabalho e dos negócios, estava sempre metido no seu gabinete, com livros na mão, ou então escrevendo. Às vezes, ficava tempos sem fazer uma coisa nem outra. Ficava silencioso e pensativo no seu gabinete ou num canto qualquer da casa. E quando acontecia de fazer-se barulho mais forte ali por perto, então ele pedia, naquela voz macia: não espantem os passarinhos...<sup>52</sup>

As palavras da viúva, à revelia de tudo, atestam a retidão de conduta e o bom humor de Simões Lopes. O depoimento declina, portanto, a favor do contista, que se sabe, foi fortemente criticado pela família por não se enquadrar nos rígidos padrões sociais da época e por desperdiçar, em negócios malsinados, a fortuna herdada dos pais.

#### **4 Considerações finais**

Ao ser publicado, em 1912, *Contos gauchescos* encontra uma série de opositores que trabalham contrariamente a sua divulgação, entre os quais destaca-se o jornal “A federação”, que

---

<sup>52</sup> Província de São Pedro, set. 1945, p.80.

julga a obra negativamente. Mais tarde, em 1926, a editora Globo, de Porto Alegre, recupera o texto através da sua reedição. No entanto, o sucesso vem somente na década de 40, quando o horizonte de expectativas da obra e dos críticos se funde, e o livro sofre a terceira edição. Nesse momento, o livro é acompanhado por introdução, notas e glossário, elaborados por Aurélio Buarque de Hollanda, contribuindo, assim, para a recepção positiva e para o seu reconhecimento no cenário gaúcho e brasileiro. A editora e os textos que acompanham a edição promovem o livro, ao atuarem como mediadores.

Simões deixa de ser um escritor municipal. Para os gaúchos, nasce por volta de 1945, pela mão de Carlos Reverbel, entendido aqui como um mediador do texto. No mesmo período, na França, Escarpit<sup>53</sup> já citava que, em determinadas comunidades rurais, o divulgador do livro era o pároco ou um parente que morava num centro urbano e que, em determinadas épocas, vinha até o interior citando as novidades que estavam sendo discutidas na sede. Resgatando a vida de Simões, o biógrafo salienta que muito se fala sobre as investidas empresariais do escritor, e muito pouco sobre sua produção literária. Não há, por exemplo, anúncio concreto de que Simões tivesse preparado

---

<sup>53</sup> Escarpit, Robert. *Sociología de la literatura*. Barcelona: Oikos-tau, 1971.

uma segunda série de *Contos gauchescos*, na qual estaria inserido “O menininho do presépio”.

O sucesso dos contos vem com o tempo, através, principalmente, da crítica positiva e das reedições. Conforme Escarpit<sup>54</sup>, o sucesso de uma obra literária é uma questão complicada, já que o jogo econômico descarta cerca de 90% dos títulos publicados e, após 20 anos da primeira publicação, apenas 1% das obras torna-se clássica. Frente a tal quadro, há razões estéticas que se impõem, para que *Contos gauchescos* continue sendo apreciado, depois de 90 anos da sua estréia.

O horizonte de expectativas<sup>55</sup> dos leitores, na atualidade, ainda encontra repouso na obra simoniana. Num momento em que o local, o diferente, o pluriculturalismo é motivo de estudo, *Contos gauchescos*, mais do que nunca, entra em cena. O livro responde aos anseios do brasileiro que tenta recuperar, pela leitura, o mosaico cultural que constitui o País. No entanto, a obra tende a ser amputada: manuais didáticos insistem em reproduzir contos isolados, sem apresentarem Blau como o sujeito que vai tecendo as histórias pela sua memória farroupilha. Falta o enquadramento e sem ele as histórias são apenas fragmentos que não

---

<sup>54</sup> Op. cit.

<sup>55</sup> Conceito desenvolvido Hans Robert Jauss. In. *História da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

recuperam sutilezas essenciais para o entendimento da obra.

As descrições minuciosas trazidas à luz por Blau, a força da linguagem, a representação da oralidade (desejo permanente da literatura), a sonoridade, as marcas locais que outrora eram defeitos, agora tornam-se qualidades esperadas pelos receptores. Todavia, o grande público ainda precisa conhecer o escritor regionalista, para que, uma vez enfrornado no discurso do narrador, perceba as sutilezas, seja pela estrutura de encaixe, característica de narrativas desde aquelas contadas por Xerazade, seja pela seleção de elementos culturais que constituem a literatura sul-riograndense. O escritor local ultrapassa as fronteiras gaúchas e insiste em ser conhecido no Brasil, ao apresentar, com fidelidade, o imaginário sul-riograndense. Dessa forma, a história da recepção de *Contos gauchescos* revela o descomeço da obra, quando tudo se opõe a sua consolidação, para chegar ao momento em que ela é apreciada pelos críticos, mas ainda é ilegível para docentes do ensino médio e acadêmicos de Letras.

**CARLOS REVERBEL E AS DEZ OBRAS  
FUNDAMENTAIS  
DA BIBLIOGRAFIA SUL-RIO-  
GRANDENSE**

João Claudio Arendt  
UCS

Inspirando-se em inquéritos feitos no Rio de Janeiro, na Itália e na França e objetivando chamar a atenção dos leitores para os elementos fundamentais da bibliografia sul-rio-grandense, Carlos Reverbel propôs, em 1955, uma enquete sobre as dez obras fundamentais da bibliografia do Rio Grande do Sul<sup>56</sup>. Para tal, solicitou o apoio dos intelectuais gaúchos, que, nos meses seguintes, contribuíram para a empresa do jornalista. As respostas foram publicadas aos sábados, no *Correio do Povo*, de Porto Alegre, entre 10 de setembro e 31 de dezembro de 1955.

As dez obras e autores que mais se destacaram são, em ordem de votação, as seguintes:

1. *Viagem ao Rio Grande do Sul*, de Saint-Hilaire;
2. *Contos gauchescos e lendas do Sul*, de Simões Lopes Neto;

---

<sup>56</sup> Ver, em anexo, lista de todas as obras citadas e nome dos participantes da enquete.



3. *História da Grande Revolução*, de Alfredo Varela;
4. *Anais da Província de São Pedro*, do Visconde de São Leopoldo;
5. *A formação do Rio Grande do Sul*, de Jorge Salis Goulart, e *A fisionomia do Rio Grande do Sul*, de Balduino Rambo S.J.;
6. *História do Rio Grande do Sul*, de Carlos Teschauer S.J.;
7. *Ruínas vivas*, de Alcides Maya;
8. *Histórias das Missões Orientais do Uruguai*, de Aurélio Porto;
9. *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo;
10. *Antônio Chimango*, de Amaro Juvenal, e *História literária do Rio Grande do Sul*, de João Pinto da Silva.

*Viagem ao Rio Grande do Sul*, obra editada pela primeira vez em 1887, na França, figura no topo das mais votadas, sendo seguida por *Contos gauchescos e lendas do Sul*, de 1912-13. A diferença de votos entre elas é mínima e somente as duas chegaram à casa dos trinta sufrágios. As demais não passaram de vinte. Pode-se afirmar, assim, que foram eleitas duas obras de gêneros distintos: de um lado, o relato de uma viagem ao Rio Grande antigo, feito pelo cientista Saint-Hilaire, em 1820-21, e que se detém em

observações e comentários sobre topônimos, costumes, acidentes geográficos, língua, culturas indígenas, solo, agricultura e pecuária; de outro, uma obra literária que trata, ficcionalmente, de eventos importantes da história sul-rio-grandense, desde a Revolução Farroupilha até o início do século XX, além de criar uma linguagem completamente nova para o regionalismo gaúcho e brasileiro.

Ao todo, são quatro as obras literárias eleitas como fundamentais na bibliografia sul-rio-grandense: *Contos gauchescos e lendas do Sul*, *Ruínas vivas*, *O tempo e o vento* e *Antônio Chimango*. As demais enquadram-se nos estudos de história da literatura, história do Rio Grande do Sul, sociologia, geografia e etnografia.

A análise preliminar do resultado leva à seguinte questão: por que Simões Lopes figura no topo da lista, junto com uma obra de interesse puramente etnográfico e sociológico escrita no início do século XIX? A resposta pode ser encontrada em três direções diferentes: 1) nos depoimentos dos próprios participantes da enquete e sua relação com a crítica simoniana anterior; 2) na situação editorial e crítica de *Contos gauchescos e lendas do Sul*, nos anos 1950; 3) na presença de Carlos Reverbel como realizador da enquete.

No primeiro caso, os participantes frisam o caráter lingüístico, sociológico e histórico da ficção

simoniana, aproximando-a da obra de Saint-Hilaire. Vejamos alguns desses depoimentos:

1) Apesar de obras de ficção, os contos e lendas e, especialmente, as *Lendas do Sul*, de J. Simões Lopes Neto, não podem fugir a esta relação. Tal a sua força telúrica, de tal modo autêntica a sua elaboração literária, que escapam ao padrão comum da ficção regionalista, para se transformarem em legítimas manifestações folclóricas. E não se conheceria a cultura gaúcha, sem as ter estudado. (Sérgio da Costa Franco)

2) Estes três últimos livros (*Estudos rio-grandenses*, de Ramiro Barcellos; *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, de Simões Lopes; *Cancioneiro gaúcho*, de Augusto Meyer) mostram um caráter menos especificamente histórico, mas oferecem mais íntimo contato, de parte dos autores, com as realidades culturais do homem e da terra, ao mesmo tempo que distribuem, com critério crítico, e

com visão de conjunto, aquela sugestão de roteiro, capaz de orientar pesquisas, estudos, ou simples prazer de leitura. (Martim Gomes)

3) Simões Lopes foi inegavelmente influenciado pela literatura gauchesca platina. Note-se que o aparecimento de Facundo em edição formal é mais ou menos de 1850, que a de Martim Fierro é de 1870 (...) No entanto, Simões Lopes apropriou-se do rico filão e produziu verdadeiros retratos estilizados da alma rude de nossos avoengos. Do pincel desse criador de tipos ideais não surge um homem, mas por abstração encontramos ali todos os homens de uma época pioneira, com os coloridos com que hão de passar à história e à lenda. Blau Nunes nunca andou só, porque sempre foi um de nós. Simões Lopes escrevia mal? Escreve como falam os que o cercam de perto, ainda não torturados pelos ucasses de Lisboa. A edição moderna,

valorizada pelos estudos de Augusto Meyer e Aurélio Buarque de Holanda, é verdadeiro monumento. (Gal. F. de Paula Cidade)

Nos depoimentos acima, o uso de uma linguagem regionalista constitui um aspecto já longamente enfatizado pela crítica simoniana, desde o texto de Antônio de Mariz, em 1913, vinculado à autenticidade estilística e temática do escritor. O registro necrológico de Simões Lopes, em 1916, embora não se refira a nenhuma de suas obras de modo especial, destaca a originalidade do trabalho literário e do estilo, e a interpretação da linguagem rude e simples do gaúcho.

Nos anos vinte e trinta, marcado pela beleza, pela força e pelo encanto, o estilo está em consonância com o vocabulário e o assunto. A linguagem é considerada fácil, singela, espontânea, expressiva e colorida. A crítica tanto elogia, quanto questiona o trabalho estilístico de Simões Lopes, principalmente as deformações sintáticas e as silabadas que, longe de prejudicarem a obra, dão encanto aos diálogos e fixam as atitudes, os gestos e as palavras do homem do campo, ou seja, aproximam a obra do objeto representado. Nesse período (anos 20 e 30), pela primeira vez, o discurso crítico menciona o estilo indireto que faz a transição entre a prosa de Blau e a voz autor -

solução que nenhum autor regionalista havia até então encontrado. No caso particular de Simões Lopes, o estilo realiza-se em consonância com o assunto, isto é, a coloquialidade do narrador Blau Nunes combina com o mundo narrado, o pampa e seu habitante.

Nos anos quarenta, o estilo simoniano torna-se objeto de um estudo mais exaustivo e, embora sejam retomados aspectos anteriores, reforça-se o modo pessoal, telúrico, indireto e sem artifícios na arte de escrever. Além disso, a crítica chama a atenção para o conhecimento que Simões Lopes possuía sobre a língua brasileira, com seu vocabulário e sua sintaxe, o que, aliado a uma inteligência fina e vigilante, e a um gosto apuradíssimo, permitiu reconstituir a graça do ambiente e o timbre familiar das vozes. Os críticos crêem, por um lado, na fidelidade do autor às fontes dialetais, isto é, que a fala de Blau não difere da dos gaúchos que viveram no seu tempo, e, por outro, propugnam a combinação das linguagens oral e literária.

Nos anos cinqüenta, o estilo caracteriza-se como poético, evocativo e nostálgico, mas extremamente sóbrio, econômico e oral. Os vícios estilísticos, em vez de prejudicarem a obra, são justamente a marca da fala oral do gaúcho, do mundo representado e evocado nostálgicamente. Por um lado, afirma-se que Simões Lopes escreve como falam os que o cercam de perto, ainda não

torturados pelos ucasses de Lisboa. Por outro, ao contrário da representação realista, a oralidade da linguagem, com cortes bruscos e expressões condensadas, distancia-se do gaúcho a que estamos acostumados a ouvir, porque traz consigo apenas o substrato, a essência. No lugar da transcrição fiel, Simões Lopes estiliza a linguagem do gaúcho imprimindo-lhe sonoridade, ritmo e coloquialidade, principalmente porque o narrador se integra perfeitamente ao mundo narrado.

Um outro sentido relacionado à obra simoniana, a fidelidade do escritor ao meio físico e sociológico, também pode ser localizado no artigo de Antônio de Mariz, em 1913, e nas leituras posteriores. A valorização das cores locais e a fidelidade ao meio são noções que giram em torno da literatura regionalista, desde Alencar, e foram reforçadas por Apolinário Porto Alegre, em 1872, ao criticar a falta de semelhanças entre o tipo representado na obra *O gaúcho* e o tipo regional que habitava o pampa.

Segundo a crítica, em Simões Lopes, a descrição minuciosa dos motivos regionalistas resulta do profundo conhecimento das tradições, hábitos e costumes do Rio Grande do Sul, do que decorre, por sua vez, a propriedade em relação aos temas, às palavras e às imagens. O sentido da representação do meio amplia-se para a fidelidade aos motivos regionalistas e funde-se ao estilo do contista, profundo conhecedor da matéria

representada. Por conhecê-la, conseguiu descrever com exatidão o meio e expressar com propriedade os hábitos, os costumes e a linguagem do homem sul-rio-grandense. A revelação do sentimento humano de Blau Nunes deve-se à fidelidade temática e ao realismo utilizado para representar o Rio Grande com suas idiossincrasias.

Nos anos quarenta e cinquenta, a crítica enfatiza que Simões Lopes não deformou os fatos históricos, os aspectos morais e sociais, e a atmosfera regional, porque os conhecia profundamente e não idealizava o passado gaúcho. A sobriedade do amor e da paixão do escritor impediu, portanto, que fosse infiel à matéria desenvolvida nos contos. As leituras frisam a sua mimetização do meio, dos costumes, da história, das idiossincrasias e atitudes do gaúcho, como vinha sendo feito até então.

O terceiro sentido - a reconstrução literária do passado histórico do Rio Grande do Sul – também é encontrado no texto de Antônio de Mariz, tendo respaldo no registro necrológico, vinculado tanto à intensa pesquisa histórica e folclórica de Simões Lopes que resgatou a figura épica do gaúcho, quanto ao seu grande amor às coisas do Rio Grande, à idolatria à terra, ao recolhimento do passado glorioso do Rio Grande do Sul, arquivado nas páginas dos seus livros. A ficção simoniana é entendida pela crítica como um arquivo em que se encontra depositada a história



sul-rio-grandense, desde os seus primórdios até o começo do século XX, sendo esse o motivo pelo qual o escritor não obteve o reconhecimento literário dos seus livros na época da publicação. O próprio trabalho de recolhimento do material folclórico assume, assim, um ar de pesquisa historiográfica.

Somente nos anos quarenta e cinquenta, os estudiosos passam a questionar a originalidade da matéria folclórica e a comprovar que Simões Lopes estilizou os textos orais, o que acaba, de certo modo, dispersando o caráter historiográfico da ficção. A obra começa a ser lida e afirmada do ponto de vista da sua literariedade, ainda instável nos anos vinte e trinta, cujo período enfatiza principalmente os aspectos historiográficos e folclóricos da produção simoniana. Entretanto, nos anos cinquenta, alguns críticos continuam ressaltando que sem Simões Lopes Neto não se conheceria a cultura e a história do Rio grande do Sul.

Como se viu até aqui, as leituras efetuadas pela crítica, ao ressaltarem a fidelidade lingüística, sociológica e histórica da obra simoniana, acabam por aproximá-la, indiretamente, do relato de viagem escrito por Saint-Hilaire. Nesse sentido, compreende-se, em parte, a posição de *Contos gauchescos e lendas do Sul* no *top* das mais votadas, junto com *Viagem ao Rio Grande do Sul*.

O segundo aspecto que pode justificar a preferência dos leitores por Simões Lopes é o fato de *Contos gauchescos e lendas do Sul* estar, nos anos cinquenta, entre os mais vendidos pela Livraria do Globo. Essa informação pode ser confirmada com dados colhidos na própria Revista do Globo, na seção Guia do Leitor, de 14 de maio de 1955. Essa era a situação:

#### GUIA DO LEITOR

Livros mais vendidos, durante a última quinzena, na loja da Livraria do Globo.

##### Nacionais

1. *Bandeirantes e pioneiros*, Vianna Moog
2. *O tempo e o vento*, 1º volume, Erico Veríssimo
3. *As amargas, não...* Álvaro Moreyra
4. *A borboleta amarela*, Rubem Braga
5. *Instituições políticas brasileiras*, Oliveira Vianna
6. *O tempo e o vento*, 2º volume, Erico Verissimo
7. *Poesias*, Manuel Bandeira

8. *Contos gauchescos e lendas do sul*, Simões Lopes Neto<sup>57</sup>

A edição de 1949, lançada em fins de agosto, com grande pompa editorial e inaugurando a Coleção Província, esgotou-se rapidamente e teve reimpressões posteriores, em 1950, 1951, 1953, 1957 e 1961. No momento da pesquisa de Reverbel, o livro ainda figurava entre os campeões de vendas, de modo que a enquete apenas comprova a boa acolhida da obra simoniana junto ao público leitor.

É interessante notar, ainda, que *Bandeirantes e pioneiros*, de Vianna Moog, e *Tempo e o vento* (vol. 1 e 2), de Érico Veríssimo, também estavam entre os mais vendidos da época pela Livraria do Globo e receberam votos dos leitores na enquete de Reverbel. Essa situação é bastante significativa, tendo em vista que a hegemonia editorial da Globo no mercado livreiro gaúcho, durante a primeira metade do século XX, projetava obras e autores no cenário das letras, como aconteceu com Simões Lopes Neto.

A título de curiosidade, no ano seguinte, em 1956, a Revista do Globo, na seção Literatura e Arte, fez um levantamento das vinte melhores obras publicadas na primeira metade do século XX. A seção, intitulada “Os vinte grandes”, propunha a seguinte questão: “Que vinte livros publicados na

---

<sup>57</sup> *Revista do Globo*, Porto Alegre, Maio de 1955.

primeira metade do século mereceriam um lugar na Arca de Noé, escolhida para sobreviver a um novo dilúvio?”. Entre inúmeros autores nacionais e estrangeiros, como Hesse, Proust, Valery, Freud, Pirandello e Malraux, Simões Lopes, inevitavelmente, também figura entre os escolhidos por Reinaldo Moura, Cyro Martins, Manoelito de Ornellas e Darcy Azambuja.

Essa era, portanto, a situação editorial de Simões Lopes Neto, passados quarenta e três anos da publicação de *Contos gauchescos e lendas do Sul*. Do ponto de vista da fortuna crítica simoniana, até a época da enquete, foi possível localizar em torno de quinze bons estudos críticos sobre Simões Lopes:

1. MARIZ, Antonio de. Contos gauchescos. *A Opinião Pública*, Pelotas, 17 nov. 1913.
2. SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1924.
3. MEYER, Augusto. O grande Simões Lopes. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 ago. 1926.
4. AZAMBUJA, Darcy. Contos gauchescos. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 29 ago. 1926.
5. GRIECO, Agrippino. *Evolução da prosa brasileira*. 2.ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.
6. MEYER, Augusto. Simões Lopes Neto. *Diário Liberal*, Pelotas, 13 jun. 1936.

7. JÚLIO, Silvio. Os contos de Simões Lopes Neto. *Revista das Academias de Letras*, Rio de Janeiro, n.36, 1941.
8. REGO, José Lins do. *Gordos e magros - ensaios*. Rio de Janeiro: CEB, 1942.
9. MEYER, Augusto. *Prosa dos pagos*. Vol.3, São Paulo: Martins Editora, 1943.
10. ORNELLAS, Manoelito de. *Símbolos bárbaros*. Porto Alegre: Globo, 1943.
11. OLIVEIRA, José Osório de. O escritor gaúcho Simões Lopes Neto. *Atlântico* (Nova série), n.21, Lisboa: SNI; Rio de Janeiro: DNI, 1946.
12. HOLLANDA, Aurélio Buarque de. Introdução. In: LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e lendas do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1949.
13. FAORO, Raymundo. Introdução ao estudo de Simões Lopes Neto. *Revista Quixote*, n.4, Porto Alegre, 1949.
14. CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1949.
15. MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da literatura brasileira - prosa de ficção (de 1870-1920)*. Rio de Janeiro: José Olympio/MEC, 1950.
16. LIMA, Herman. *Variações sobre o conto - serviço de documentação*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952.

O número de leituras surgidas ao longo de quarenta anos totaliza a mesma quantidade de

textos escritos por Carlos Reverbel, ao longo de apenas quatorze anos, entre 1940 e 1954:

1. *O drama do gaúcho sem distâncias*. Porto Alegre: Revista do Globo, nº 267, 13.01.1940.
2. *Tu és a minha estrela do sol posto*. Porto Alegre: Revista do Globo, nº 393, 25.08.1945.
3. *Blau Nunes existe*. Porto Alegre: Revista do Globo, nº 395, 29.09.1945.
4. *J. Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: Globo, Província de São Pedro, nº 2, setembro de 1945.
5. *Pelotas, 1913*. Porto Alegre: Revista do Globo, nº 410, 11.05.1946.
6. *Um alagoano que se torna gaúcho*. Porto Alegre: Revista do Globo, nº 466, 11.09.1948.
7. *Vida e morte do contrabando*. Porto Alegre: Revista do Globo, nº 469, 23.10.1948.
8. *O menininho do presépio*, de J. Simões Lopes Neto. Porto Alegre: Almanaque do Correio do Povo, 1948.
9. *J. Simões Lopes Neto. Esboço biográfico em tempo de reportagem* (posfácio). Lopes Neto, J. Simões. In: *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1949.
10. *Um momento de projeção do regionalismo gaúcho no estrangeiro*. Correio do Povo, 18.04.1953.
11. *Vozes da Província*. Correio do Povo, 25.04.1953.

12. *Lendas do Sul*. Correio do Povo, 22.08.1953.
13. *No galpão*. Correio do Povo, 10.10.1953.
14. *Cancioneiro Guasca*, (?) 25.09.1954.
15. *Tendências do jornalismo gaúcho*. Porto Alegre: Fundamentos da Cultura Rio-Grandense, URGs, vol.II, 1954.

Esse conjunto de textos reverbelianos é bastante significativo na fortuna crítica de Simões Lopes, posto que não só mostra uma regularidade de manifestações acerca do contista, como também transforma Reverbel num dos principais estudiosos da ficção e da biografia simoniana.

Nesse sentido, é possível arriscar a terceira e última resposta para a presença de Simões Lopes entre os primeiros colocados: a presença de Reverbel na redescoberta da obra simoniana e na elaboração da enquete. Esse fato, certamente, pode ter desempenhado um papel importante na escolha das dez obras fundamentais da bibliografia sul-riograndense. Reverbel foi um jornalista que transitou livremente pelos principais meios de comunicação da capital gaúcha, como *Província de São Pedro*, *Revista do Globo*, *Correio do Povo* e, posteriormente, *Zero Hora*. A presença de um jornalista devotado à crítica literária, de um modo geral, é à obra simoniana, em particular, poderia pré-definir a colocação de Simões Lopes no topo da lista, já que ele foi responsável pelo resgate do escritor e pela sua projeção no cenário das letras

brasileiras. Além disso, nessa condição, poderia servir como importante mediador de outros autores, como fez durante anos em periódicos da capital gaúcha. A citação a seguir é bastante ilustrativa:

Carlos Reverbel, um dos espíritos mais cultos do jornalismo riograndense (sic), vem publicando no “Correio do Povo” e na “Folha da Tarde”, desta capital, uma série de magníficas e cintilantes apreciações sobre os diversos livros de escritores gaúchos ultimamente editados pela Livraria do Globo. Dessas apreciações de Carlos Reverbel destaca-se pela sua delicadeza, “humour” e sentido profundamente humano, a que saiu há umas três semanas na “Folha da Tarde” sobre o livro “Olhai os lírios do campo”, de Erico Veríssimo<sup>58</sup>.

Em 1938, publicava, portanto, no *Correio do Povo* e na *Folha da Tarde*, “magníficas e cintilantes apreciações sobre os diversos livros de escritores gaúchos” editados pela Livraria do Globo. Em 1946, tornou-se cronista da *Revista do Globo* e secretário da *Província de São Pedro*. No final daquela década, já era redator chefe da *Revista do Globo*.

---

<sup>58</sup> *Revista do Globo*, Porto Alegre, 30 de julho de 1938.



O fato de se dedicar, portanto, ao jornalismo e à crítica literária, com amplo espaço na mídia, resgatando velhos autores e projetando estreantes, Reverbel pré-definiu a eleição das dez obras fundamentais da bibliografia sul-rio-grandense. Por sua causa, direta ou indiretamente, Simões Lopes teve excelente votação. Última prova disso é o depoimento do General F. de Paula Cidade: “A edição moderna, valorizada pelos estudos de Augusto Meyer e Aurélio Buarque de Holanda, é verdadeiro monumento”. Dela, Reverbel participou com o posfácio “Esboço biográfico em tempo de reportagem”<sup>59</sup>.

Por último, convém dizer que o fato de a crítica literária ter deitado raízes profundas na vinculação da obra simoniana aos fatos históricos, sociológicos e lingüísticos do Rio Grande do Sul estreitam os laços entre *Contos gauchescos e lendas do Sul* e *Viagem ao Rio Grande do Sul*. A ficção, nesse caso, seria tão verdadeira, tão real quanto o relato de viagem redigido pelo francês Saint-Hilaire. Da mesma forma, a recente edição de *Contos gauchescos e lendas do Sul*, pela Globo, em 1949, e a importância de Reverbel na crítica literária gaúcha explicam a vice-liderança de Simões Lopes no pleito de 1955, sobre as dez obras fundamentais da bibliografia sul-rio-grandense.

---

<sup>59</sup> J. Simões Lopes Neto. Esboço biográfico em tempo de reportagem (posfácio). Lopes Neto, J. Simões. In: *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1949.

## ANEXO

### AS DEZ OBRAS FUNDAMENTAIS DA BIBLIOGRAFIA RIO-GRANDENSE

Por Carlos Reverbel – Correio do Povo – RS  
10 setembro a 31 de dezembro de 1955

<i>Anais da província de São Pedro</i> - 1819	José F. Pinheiro – Visc. de SL	20
<i>História das Missões Orientais do Uruguai</i> – 1943	Aurélio Porto	12
<i>A fisionomia do Rio Grande do Sul</i> - 1941	Pe. Balduino Rambo	19
<i>A formação do Rio Grande do Sul</i> - 1927	Jorge Salis Goulart	21
<i>História da grande revolução</i> - 1933	Alfredo Varela	20
<i>História do Rio Grande do Sul</i> - 1954	Gal. Souza Docca	6
<i>Viagem ao Rio Grande do Sul</i> - 1887	Saint-Hilaire	32
<i>Contos gauchescos e lendas do Sul</i> – 1912-13	J. Simões Lopes Neto	31
<i>Ruínas vivas</i> – 1910	Alcides Maya	17
<i>Vovó Musa</i> – 1903	Zeferino Brasil	5
<i>O continente do Rio Grande</i>	José Onório Rodrigues	1
<i>História da República Jesuítica do Paraguai</i> – 1863	Con. João Pedro Gay	4
<i>O sentido brasileiro da Revolução Farroupilha</i>	Souza Docca	6
<i>O trabalho alemão no Rio Grande do Sul</i>	Aurélio Porto	3
<i>O tempo e o vento</i>	Erico Veríssimo	11
<i>Província de São Pedro</i>	Moysés Vellinho et.	3

	Alii	
<i>Notícia descritiva da Província do Rio Grande do Sul - 1839</i>	Nicolau Dreys	8
<i>Os Muckers</i>	Ambrósio Schupp, S.J.	1
<i>Antônio Chimango</i>	Amaro Juvenal	12
<i>Prosa dos pagos</i>	Augusto Meyer	2
<i>História literária do Rio Grande do Sul</i>	João Pinto da Silva	11
<i>Esboço da formação do Rio Grande do Sul</i>	Rubens de Barcelos	4
<i>O campeador rio-grandense</i>	Oliveira Viana	3
<i>Os gaúchos</i>	Múcio Teixeira	1
<i>Gaúchos e beduínos</i>	Manoelito de Ornellas	3
<i>Guia do folclore gaúcho</i>	Augusto Meyer	3
<i>Júlio de Castilhos</i>	Othelo Rosa	4
<i>História do Rio Grande do Sul - 1921-22</i>	Pe. Carlos Teschauer	18
<i>Vocabulário Sul-rio-grandense</i>	J. Romaguera Correa	1
<i>Anuário do Rio Grande do Sul</i>	Graciano A. de Azambuja	2
<i>Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul</i>	Alfredo F. Rodrigues	3
<i>História Popular do Rio Grande do Sul</i>	Alcides Lima	6
<i>No galpão</i>	Darcy Azambuja	2
<i>Gado xucro e tropilha crioula</i>	Vargas Neto	1
<i>Anais dos I, II e IV Congressos Sul-rio-grandenses de História e Geografia</i>		1
<i>Dominação espanhola no Rio Grande do Sul</i>	J.C. Rego Monteiro	2
<i>Bandeirantes no Sul do Brasil</i>	Olyntho Sanmartin	1

<i>Poesia</i>	Alceu Wamosy	3
<i>Anais do Exército Brasileiro sobre a guerra com a República das Províncias Unidas do Rio da Prata, de 1825 a 1828 – 1927</i>	Gal. Luiz Manuel da Silva	1
<i>O nobiliário sul-rio-grandense - 1937</i>	Mário T. de Carvalho	2
<i>A fundação de Porto Alegre – 1906</i>	Augusto Porto Alegre	2
<i>A obra coletiva do Instituto Histórico</i>		1
<i>O fim da criação</i>	Araújo Ribeiro	1
<i>Colombo</i>	Araújo Porto Alegre	2
<i>Poesias</i>	Múcio Teixeira	1
<i>Crise do mundo moderno</i>	Pe. Leonel Franca	1
<i>Bandeirantes e pioneiros</i>	Viana Moog	2
<i>Paisagens</i>	Apolinário Porto Alegre	2
<i>Vocabulário Sul-rio-grandense</i>	Luis Carlos de Moraes	1
<i>Visão do pampa</i>	Rivadavia Severo	1
<i>Rincão</i>	Roque Calage	1
<i>Assuntos do Rio Grande do Sul</i>	J. Cezimbra Jacques	3
<i>Quadro estatístico e geográfico do RS – 1869</i>	Eleutério Camargo	1
<i>Processo Farrapo - 1954</i>	Aurélio Porto	1
<i>Dicionário histórico e estatístico do RS – 1914</i>	Otávio Faria	2
<i>História da república rio-grandense</i>	J.F. de Assis Brasil	1
<i>Ditadura, parlamentarismo, democracia</i>	J.F. de Assis Brasil	2
<i>Populações meridionais e o Brasil</i>	Oliveira Viana	3
<i>Estudos rio-grandenses</i>	Rubens de Barcelos	5

<i>Cancioneiro gaúcho</i>	Augusto Meyer	1
<i>Tradições e superstições do Brasil Sul</i>	Walter Spalding	1
<i>A Colônia do Sacramento</i>	J. da Costa R. Monteiro	1
<i>Troncos seculares</i>	João Borges Fortes	2
<i>Revista do IHG do RS</i>		3
<i>Silveira Martins</i>	José Júlio Silveira Martins	1
<i>O teatro em POA no séc. XIX</i>	Athos Damasceno	1
<i>Osório</i>	Fernando Osório	1
<i>As Missões Orientais e seus antigos domínios</i>	Hemetério J. V. da Silveira	1
<i>Charqueada</i>	Pedro Wayne	1
<i>Poranduba rio-grandense</i>	Pe. Teschauer	1
<i>Vida de Rafael Pinto Bandeira</i>	Alcides Cruz	1
<i>No fogão do gaúcho</i>	Roque Callage	1
<i>Alma gaúcha</i>	Zeferino Brasil	1
<i>Rio Grande de São Pedro</i>	João Borges Fortes	1
<i>Revista do Museu Julio de Castilhos</i>		1
<i>A colonização germânica no RS</i>	Ernesto Pellanda	1
<i>Hundert Jarhe der Deuschtum in RS</i>		1
<i>Cinquantanario della colonizzazione nel RS</i>		1
<i>RS: descrição física, histórica e econ.</i>	Alfredo Varela	1
<i>A Província de São Pedro</i>	João Pinto da Silva	1
<i>Tapera</i>	Alcides Maya	3
<i>Antiguálias rio-grandenses</i>	Antônio A P Coruja	1
<i>Memórias ecônomo-políticas</i>	A. Gonçalves Chaves	2
<i>Quadro estatístico da Província do RS</i>	Eleutério de Camargo	1
<i>A colonização alemã no RS</i>	Germano Truda	1

<i>Álbum com. do 75aniv. da col. ital. no RS</i>		1
<i>Estrada Nova</i>	Cyro Martins	1
<i>A guerra dos Farrapos</i>	Assis Brasil	2
<i>História da República Rio-Grandense</i>	Dante de Laytano	1
<i>Romance antigo</i>	Darcy Azambuja	1
<i>Símbolos bárbaros</i>	Manoelito de Ornellas	1
<i>O RS independente</i>	Alcides Maya	1
<i>Divina Quimera</i>	Eduardo Guimarães	1
<i>Noite de insônia</i>	Marcelo Gama	1
<i>O aprendiz de feiticeiro</i>	Mário Quintana	1
<i>Os ratos</i>	Dyonélio Machado	1
<i>Há alguma verdade</i>	Paulo H. Filho	1
<i>Diário</i>	Paulo H. Filho	1
<i>Na paz, da lua</i>	Paulo H. Filho	1
<i>A fazenda gaúcha</i>	Dante de Laytano	1
<i>A revolução de 1893</i>	Epaminondas Vilalba	1
<i>História constitucional do RS</i>	Victor Russomano	1

## **PARTICIPANTES DA ENQUETE**

ANTUNES, Paranhos  
 ARRUDA, Leo  
 AZAMBUJA, Darcy  
 AZEVEDO, Armando Fay de  
 AZEVEDO, Olmiro de  
 BARCELOS, Ramiro Frota  
 CALLAGE, Fernando  
 CASTRO, J.H. Correa de  
 CESAR, Guilhermino  
 CIDADE, F. de Paula  
 DELFINO, Álvaro  
 DUARTE, Eduardo

FERREIRA FILHO, Arthur  
FERREIRA, Athos Damasceno  
FERREIRA, João Francisco  
FRANCO, Sérgio da Costa  
GOMES, Martim  
GUIMARÃES, Carlos Rafael  
JAEGER, Luis Gonzaga S.J.  
JÚLIO, Silvio  
KREBS, Carlos Galvão  
LAYTANO, Dante de  
LEAES, Cyro Soares  
LEIRIA, J.O. Nogueira  
LIMA, Alcides de Mendonça  
LIMA, Bruno de  
MARTINS, José Salgado  
MEDEIROS, Laudelino  
MORAES, Carlos Dante de  
MORAES, Carlos de Souza  
ORNELLAS, Manoelito de  
PETRY, Leopoldo  
RAMIRES, Hugo  
RODRIGUES, Contreiras  
ROSA, Othelo  
RUSSOMANO, Mozart Victor  
SALIS, Eurico J.  
SANMARTIN, Olyntho  
SPALDING, Walter  
VELLINHO, Moysés  
VILLA, Francisco Machado